



DALILA AUXILIADORA GARCIA DE OLIVEIRA

**OS REDESENHOS SOCIOEDUCACIONAIS NA PRESENÇA,
NO TRABALHO E NA REPRESENTAÇÃO DE MULHERES
NEGRAS EM UM CINE-EDUFORMATIVO**

**LAVRAS - MG
2025**

DALILA AUXILIADORA GARCIA DE OLIVEIRA

**OS REDESENHOS SOCIOEDUCACIONAIS NA PRESENÇA, NO TRABALHO E NA
REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS EM UM CINE-EDUFORMATIVO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira
Orientador

**LAVRAS - MG
2025**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

de Oliveira, Dalila Auxiliadora Garcia.

Os redesenhos socioeducacionais na presença, no trabalho e na
representação de mulheres negras em um cine-eduformativo /
Dalila Auxiliadora Garcia de Oliveira. - 2024.

72 p.

Orientador(a): Luiz Fernando de Oliveira.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2024.

Bibliografia.

1. Educação pelo Cinema. 2. Ensino Audiovisual. 3. Cinema
Educativo. I. de Oliveira, Luiz Fernando. II. Título.

DALILA AUXILIADORA GARCIA DE OLIVEIRA

**OS REDESENHOS SOCIOEDUCACIONAIS NA PRESENÇA, NO TRABALHO E NA
REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS EM UM CINE-EDUFORMATIVO**

**SOCIOEDUCATIONAL REDESIGNS IN THE PRESENCE, WORK AND
REPRESENTATION OF BLACK WOMEN IN EDUCATIONAL AND FORMATIVE
CINEMA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em: 17 de dezembro de 2024

Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira	CEFET/MG
Prof. Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis	UFLA
Profª Dra. Fernanda Omelczuk Walter	UFSJ

Prof. Dr. Luiz Fernando de Oliveira
Orientador

**LAVRAS - MG
2025**

AGRADECIMENTOS

À minha Avó, Vicência Joviana, carinhosamente conhecida por Fiinha (*in memoriam*), que hoje acende vela no céu.

Às minhas Ancestrais que fizeram e fazem tanto pela minha existência, somos muitas e nunca estamos sós.

À minha Mãe, exemplo de fortaleza e resiliência, de doçura e de amor.

Às Cineastas Erika Candido, Juliana Vicente e Joelma Oliveira pela reciprocidade nas trocas, e por partilharem um pouco das construções de vida e de cinematografia negra por mulheres e para mulheres.

Agradeço Elcimar Pereira e Isabelle Anchieta, Pesquisadoras e Educadoras que, gentilmente, se dispuseram a conversar comigo a respeito dos caminhos metodológicos de minha pesquisa.

À Coordenação, ao corpo Docente e demais pessoas envolvidas, meu sentimento de gratidão pela organização de todo processo formativo.

Ao meu Orientador, Luiz Fernando de Oliveira, pela paciência, amparo e comprometimento com a pesquisa.

Às Amizades, seja as que construí no âmbito da Pós-Graduação (em especial Marcelle e Délia), ou as que já me acompanham de longa data, eu sou e serei sempre grata pelo amparo e acolhimento.

A todas as pessoas de alma e coração bons, que formal ou informalmente, conversei a respeito de minha pesquisa, dividi inquietudes, pensei caminhos e propostas de intervenção, expressei minha gratidão pela escuta ativa.

Agradeço as pessoas da Escola Estadual Sara Kubitschek, da Prefeitura Municipal de Carrancas e do Setor de Comunicação da Universidade Federal de Lavras, que foram imensamente importantes para a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço e dedico este trabalho a todas as mulheres negras, minhas irmãs de luta e de vida em coletividade. Com o desejo e a esperança que sejamos, cada vez mais, reconhecidas e respeitadas nos espaços, e que os processos sejam mais justos e humanos.

“um corpo casa não é um corpo sempre confortável. é um corpo que precisa de um convite para a acolhida. um corpo casa precisa que você mude os móveis de lugar de vez em quando. que tire a poeira acumulada dos dias. um corpo casa precisa ser visitado, ignorá-lo traz algo bem próximo da dor. um corpo casa não quer palavras afiadas, quer poesia lapidada, bem cuidada. e de vez em quando, histórias bagunçadas que é pra rever o lugar das coisas e arrumar de um jeito mais bonito. um corpo casa é confuso, nem sempre atende a porta, mas quer se encher de vida. um corpo casa é um poema em manutenção. um corpo casa falha na cura, mas sabe que continuidade envolve tropeçar. um corpo casa é mais de um oceano ao mesmo tempo. quem vai beber as ondas desse fluir? quem vai impedir que a água corra? pacífica ou estrondosa, ela precisa seguir. um corpo casa é seu patuá mais precioso. um corpo casa é Oxum te dizendo que sempre há pra onde retornar. um corpo casa guarda impérios inteiros. um corpo casa pede descanso. pede alívio. pede que você pare em frente ao espelho e não desvie. fica, por favor. um corpo casa é um corpo que se movimenta, que te oferece a possibilidade de dançar com seu prazer, de se entregar, de existir plenamente, de coexistir abundantemente. um corpo casa também sabe sorrir. um corpo casa se arrepia, molha, vive. um corpo casa é o suor de tudo aquilo que está em andamento. um corpo casa se enfeita, mas só se quiser, porque o adorno é o próprio corpo. um corpo casa quer ser considerado uma prece. um corpo casa não vai te culpar se a reza de hoje não vir. um corpo casa, por fim, se parece muito com o meu e com o seu” (Ryane Leão).

RESUMO

A pesquisa, com abordagem qualitativa, propõe um estudo no campo da Sociologia da Educação, possui caráter microssociológico, estabelecendo um diálogo com a Sociologia e a Sociologia da Arte, compondo um cenário para as discussões, que buscam investigar: como as criações cinematográficas realizadas por cineastas negras podem vir a ser instrumentos didático-pedagógicos no ensino e na inserção de temáticas educativas, políticas, históricas e socioculturais nas práticas em sala de aula e em outros espaços. Com o intuito de compreender melhor os desdobramentos, busca-se observar e considerar os movimentos negro feminino, bem como o cinema negro da perspectiva feminina sob a ótica dos estudos desenvolvidos por Edileuza Penha de Souza, os entrelaces com a educação, a partir da visão de Rosália Duarte e seus embasamentos bourdieusianos. Desta feita, as orientações metodológicas se organizam da seguinte forma: pesquisa bibliográfica e revisão de literatura nas áreas do cinema negro, da perspectiva feminina e da educação, análise fílmica e a ideia de uma proposta educativa. Como resultado será possível reunir dados que permitam o dimensionamento de como as criações e histórias das autoras negras podem se tornar importantes instrumentos no processo de ensino-aprendizagem, oportunizando às alunas e professoras negras o contato com temáticas mais próximas de sua realidade e formação profissional docente.

Palavras-chave: educação pelo cinema; ensino audiovisual; cinema educativo; cineastas negras; desigualdades socioeducacionais.

ABSTRACT

This qualitative research delves into the field of Sociology of Education through a microsociological lens, engaging in dialogue with Sociology and the Sociology of Art. It investigates how cinematographic works by Black female filmmakers can serve as didactic and pedagogical tools, facilitating the inclusion of educational, political, historical, and sociocultural themes in classroom practices and other educational contexts. The study examines Black women's movements and Black cinema from a female perspective, guided by the work of Edileuza Penha de Souza, while also drawing on Rosália Duarte's Bourdieusian-based research to explore the intersection of Black cinema and education. The methodology combines bibliographic research, literature review in Black cinema and education, film analysis, and the development of an educational proposal. The findings aim to demonstrate how the narratives of Black female filmmakers can become powerful tools in the teaching-learning process, offering Black female students and educators opportunities to engage with themes that reflect their lived experiences and contribute to their professional growth in education.

Keywords: cinema in education; audiovisual pedagogy; educational cinema; black female filmmakers; socioeducational inequalities.

INDICADORES DE IMPACTO

A pesquisa “Os redesenhos socioeducacionais na presença, no trabalho e na representação de mulheres negras em um cine-eduformativo”, com vistas a atender às exigências das políticas institucionais da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), revela-se uma proposta qualitativa, centrada na Sociologia da Educação. A busca é por investigar como as criações cinematográficas de cineastas negras podem ser utilizadas como instrumentos didático-pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem, e na inserção de temas educativos, políticos, históricos e socioculturais nos currículos escolares. Se insere no diálogo entre a Sociologia, a Sociologia da Arte e a Sociologia da Educação, com a intenção de ampliar a compreensão dos desdobramentos da produção cinematográfica negra, especialmente do cinema negro feminino, no contexto educacional. O impacto social e a relação extensionista dessa pesquisa estão expressos nas relações e nos diálogos estabelecidos dentro e fora dos espaços escolares e não escolares, que contribuem com a estruturação de políticas públicas e de uma educação mais inclusiva e representativa, principalmente no que diz respeito à formação profissional docente e à identidade de alunas e professoras negras.

IMPACT INDICATORS

The research "Socioeducational Redesigns in the Presence, Work, and Representation of Black Women in a Cine-Eduformative Context," aimed at meeting the institutional policies of the Federal University of Lavras (UFLA) and the Sustainable Development Goals (SDGs) of the United Nations (UN), presents itself as a qualitative proposal focused on the Sociology of Education. The aim is to investigate how cinematic creations by Black filmmakers can be used as didactic-pedagogical tools in the teaching-learning process and in the inclusion of educational, political, historical, and sociocultural themes in school curricula. It engages in the dialogue between Sociology, the Sociology of Art, and the Sociology of Education, with the intention of broadening the understanding of the developments in Black film production, especially Black women's cinema, in the educational context. The social impact and extensionist relationship of this research are reflected in the relationships and dialogues established within and outside school and non-school spaces, which contribute to the structuring of public policies and a more inclusive and representative education, particularly regarding the professional training of teachers and the identity of Black students and teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Primeiro Encontro na Escola Estadual Sara Kubitschek.....	60
Fotografia 2 - Abrindo os Caminhos.....	61
Fotografia 3 - Treinamento de Roteiro.....	61
Fotografia 4 - Gravações.....	62
Fotografia 5 - Conversa com a Pesquisadora.....	63
Fotografia 6 - Ajustando o Roteiro.....	63
Fotografia 7 - Gravação das Entregas.....	64
Fotografia 8 - Ajustes no Equipamentos.....	65
Fotografia 9 - Cerimônia de Encerramento.....	66

SUMÁRIO

1	NOMEANDO LUGARES E MAPEANDO TERRITÓRIOS	12
2	ÉS EM MIM, SOU EM TI.....	15
2.1	Cinema Negro Feminino e Educação	22
2.2	A Educação, o Cinema e a Vida	27
3	AS CONTRANARRATIVAS NA EDUCAÇÃO: UM CINEMA DELAS, POR E PARA ELAS	32
3.1	Ficha Pedagógica - Cores e Botas	36
3.2	Ficha Pedagógica - Kbelá.....	43
3.3	Ficha Pedagógica - O dia de Jerusa	48
4	FORMAÇÃO DOCENTE: ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS NO AUDIOVISUAL	55
4.1	Caminhos para a formação de professoras negras.....	56
4.2	EduCom Ciência - Mulheres Negras em Ação.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	69

1 NOMEANDO LUGARES E MAPEANDO TERRITÓRIOS

Este trabalho, antes de tudo, busca a compreensão de questões ligadas ao cinema negro no Brasil, a partir da relação das criações cinematográficas com os processos educativos. Sobretudo, do ponto de vista das mulheres negras que fazem cinema, que estiveram presentes nos movimentos mais significativos do meio, mas que por vezes foram silenciadas ou subestimadas. Logo de início, Linda Nochlin (2016) nos oportuniza uma excelente reflexão a partir do questionamento “Por que não houve grandes mulheres artistas?”

Conduzida por essa proposta, começo a traçar um caminho para compreender as questões femininas, que se compromete a evidenciar as diferentes perspectivas pelas quais as mulheres enxergam o mundo, não cabendo aqui juízo de valor, e muito menos falar em merecimento, capacidade e comparações com as criações feitas por homens. Para além dos comparativos, o cerne da questão não está propriamente na pergunta, mas sim no entendimento que, para além do gênero, grandes e potenciais artistas não foram descobertas.

A pesquisa que aqui se propõe almeja investigar algumas das grandes mulheres negras que compõem o cenário artístico em nosso país, representadas pelas cineastas negras que não somente trazem à baila suas “questões”, mas seu lado intelectual, criativo, consciente e transformador de realidades. Vale pontuar a importância do contexto social que cada pessoa está inserida, que, juntamente com demarcadores como o tempo e o período histórico, orientará a compreensão e o reconhecimento das mulheres negras e seus trabalhos.

Direcionada pelos levantamentos, de base quantitativa, mais recentes do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa – GEMAA, elaborados por Marcia Rangel Candido, Juliana Flor, Jefferson Belarmino de Freitas e Luiz Augusto Campos, que resultaram na criação de um Boletim (2020) e de um Infográfico (2022), começa-se a compreender o papel das mulheres negras no cinema brasileiro como instrumento educativo, e também de rompimento com paradigmas e estereótipos.

Os dados, que são frutos de uma análise de raça e de gênero no audiovisual brasileiro, no período de 1995 a 2021, revelam a baixa expressividade e representatividade de mulheres negras atuantes no setor audiovisual, seja em frente ou por trás das câmeras, o grupo social que menos aparece representado “é o de mulheres pretas e pardas, que não exerceu (*sic*) atividade de direção e roteiro em nenhum dos 240 filmes analisados; constituindo também apenas 4% do elenco selecionado para os longas-metragens” (Candido *et al.* 2020).

Com base no levantamento feito, é perceptível que as desigualdades em relação ao gênero e a raça se desvelam, dificultando o desenvolvimento de criações no meio

cinematográfico, e conseqüente difusão destes trabalhos em diferentes espaços, como o escolar por exemplo. Reafirma-se ainda, a existência de uma hierarquia, e, principalmente, de um fenômeno que Felipe Mascari (2020) nomeia *invisibilidade do cinema negro no espaço audiovisual*, considerado o cenário brasileiro. Essa invisibilidade mencionada, se vincula diretamente ao processo de inserção e permanência das pessoas negras nos mais variados espaços, inclusive no meio educativo, que é repleto de desafios, carência de oportunidades, e ainda ao difícil acesso a um ensino de qualidade desde a educação básica.

Os dados, de forma geral, trazem à tona a baixa participação em papéis de protagonismo por parte das pessoas negras, em especial das mulheres negras, tendo essas que assumir a condição de subalternas, pois são subjugadas, e a qualidade de seu trabalho é sempre contestada. Reafirma-se a impressão de que pessoas brancas, estariam em suma, “mais preparadas”, enquanto as pessoas negras seriam as “exceções”, os casos improváveis de ascensão social.

A análise qualitativa e quantitativa realizada por Candido e Feres Júnior (2019) alerta para a importância do reconhecimento das mulheres negras e de seus trabalhos. Uma vez que observa-se que o cinema brasileiro somente será inteiramente representado quando houver espaço para uma efetiva inclusão, para o acolhimento da diversidade e da pluralidade, em que não haja o “roubo de narrativas”, nas palavras de Sabrina Fidalgo (2020) em entrevista à Maria Gal.

Nesse contexto situa-se a proposta do primeiro capítulo, que visa, a partir do percurso profissional e pessoal de três cineastas negras e de suas criações elaborar uma visão panorâmica de suas trajetórias e relevâncias no espaço do cinema negro brasileiro. Esse olhar acontece principalmente com base nos estudos de Edileuza Penha de Souza, que busca fazer esse movimento, observando as questões de raça e de gênero no cinema e ainda estabelece paralelos com a educação.

Com essa conjectura, uma importante ligação entre as questões socioeducacionais, étnico-raciais, de gênero, os espaços ficcionais, as realidades sociais, a antropologia e o cinema começam a se estruturar, que se aprofundará no que se concebe antropologia visual ou antropologia da imagem. O estudo da imagem na área do cinema se torna um instrumento para recriar fatos e situações da realidade, sendo uma forma de compreender melhor o ser humano, em seus aspectos sociais, culturais e étnicos.

Conjuntamente com essa historiografia, finalizando o primeiro capítulo, buscando pontos de aproximação entre cinema negro feminino e educação, estende-se para um segundo capítulo, no qual 03 (três) criações serão selecionadas. Considerando para tanto, o intervalo de

05 (cinco) anos, e a representatividade de mulheres negras protagonistas em espaços, idades e tempos diferentes.

Conforme enunciado, nesse segundo momento se realizará uma análise dos filmes *Cores e Botas* (2010), *O dia de Jerusa* (2014) e *Kbela* (2015), das respectivas autoras Juliana Vicente de Freitas, Viviane Ferreira e Yasmin Thayná. O intuito é refletir como as questões que envolvem gênero e raça são abordadas em suas criações, lançando mão do entendimento de interseccionalidade, afunilando para como as questões estéticas são dispostas. Ao mesmo tempo que essas análises serão feitas, ocorrerá um movimento de proposição de reflexões e conexões com o contexto educativo.

As noções de representação, por Chartier (1991) e a transformação em representatividade ativa, juntamente com a compreensão da estética dos filmes e do corpo serão trabalhadas. O entendimento de *Corpo-Casa e caminho*, da beleza das tonalidades e dos cabelos, da construção da identidade e do tornar-se e reconhecer-se mulher negra.

O recurso da análise fílmica, realizado com base nos escritos de Bell Hooks em seu livro *Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas* (2023), juntamente com o entendimento da antropologia visual e do filme etnográfico (Ribeiro, 2007) serão bases para compreendermos não somente as criações das cineastas, mas também os seus desdobramentos no meio educativo.

O embasamento para a construção do terceiro capítulo se alicerçará ainda nas obras de Isabelle Anchieta (2020) e também Bell Hooks (2017), que aqui auxiliarão na compreensão de como se construiu e se constrói alguns dos processos vividos pelas mulheres, em especial os ligados à sua imagem, a estética e a ética, pensando o processo educativo pela ótica das mulheres negras. Um cinema educativo, capaz de por meio dos filmes realizados por mulheres negras e para mulheres negras, levantar discussões no contexto da sala de aula, como uma tentativa de dialogar com o público feminino negro dentro da educação básica (professoras negras e alunas negras, prioritariamente).

O desenho estruturado para os três capítulos se prolonga para um quarto, que trará como direcionamento uma proposta de intervenção educativa, a partir do que está sendo desenvolvido no Projeto EduCom Ciência, realizado pelo setor de Comunicação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). A definição da temática trabalhada no projeto tem como base o audiovisual, e por conseguinte, o que resultará das atividades realizadas será a entrega de criações neste espaço, que pode vir a ser trabalhado por/com professoras negras em outros espaços escolares.

2 ÉS EM MIM, SOU EM TI

Posto isso, de antemão, é preciso um olhar para o processo formativo do Brasil, em especial, para a história dos povos negros, para somente assim perceber os impactos nos setores audiovisual e educacional. Pois bem, em um recorte histórico-temporal, um dos primeiros marcos está no processo de abolição, que se findou em 1888, de forma incompleta, fato que será justificado posteriormente. O que se viveu, ou pelo menos, as maneiras de sobrevivência encontradas após esse período, configura-se em intensas batalhas para manter o mínimo de condições, e um movimento de resistir às imposições taxativas e preservar as heranças ancestrais, culturais, religiosas e todo simbolismo e ética das pessoas negras.

Nesse contexto de estruturar estratégias sobrevivências, surge como frente ampla os Movimentos Negros, que se sustenta em três grandes momentos, de acordo com Fábio José Paz da Rosa (2021, p. 2, *apud*, Pereira, 2008):

A primeira fase, do início do século XX até o Golpe do Estado Novo, instaurado em 1937, com destaque para a atuação da Frente Negra Brasileira (FNB); a segunda, do período da redemocratização, em meados dos anos de 1940, representado por atividades culturais como o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Teatro Popular Brasileiro (TPB) até o Golpe Militar de 1964; e a terceira, por meio do Movimento Negro contemporâneo, após o início do processo de abertura política em 1974.

Em todas essas fases a presença da mulher negra pode ser considerada com menor e maior notoriedade, sendo nos dois períodos iniciais com menos expressividade e no último com mais ênfase. Nomes como os das atrizes Ruth de Souza, Maria Margarida da Trindade, Lélia Gonzalez, Maria Beatriz do Nascimento, Helena dos Santos Machado, Sueli Carneiro, e tantas outras, deram voz e propulsão para frentes como o Movimento Unificado (MNU), e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN).

Em meio a essas rupturas, discussões potenciais começam a surgir no cenário, como por exemplo, a questão do machismo e do racismo, juntamente com as demarcações de gênero e raça, que se entrelaçam com as desigualdades socioeconômicas e culturais. Entender as dificuldades enfrentadas por essas mulheres negras, não somente no âmbito do cinema, mas em outras áreas, chama-nos a compreender as intersecções, o que significa analisar os intercruzamentos de desigualdades sociais.

As assimetrias e as violências serão nomeadas e compreendidas em suas formas variadas, em espaços e situações diferentes. Por isso, remontar ao conceito de intersecção é

fundamental, subsidiando essas transposições. A ideia de interseccionalidade surgiu de forma mais organizada nos anos de 1990, com os precursores Kimberlé Crenshaw, Andersen e Hill Collins, que buscaram evidenciar o quanto entender cada categoria e seu ambiente social torna-se balizador para a compreender as desigualdades. Exemplificando melhor, Gabriela M. Kyrillos (2020, p. 1), nos diz que:

A interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma forma de opressão simultânea. Com essa lente, os processos discriminatórios não são compreendidos isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discriminações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem.

A interseccionalidade se torna, portanto, um conceito importante para que a figura feminina em contextos gerais e no cinema seja analisada, e assim podermos compreender até que ponto esses marcadores excluem e inviabilizam o trabalho das mulheres negras no audiovisual. Cabe discutir a complexidade da relação que se estabelece ao analisar classe, raça, gênero, etnia, sexualidade, entre outros fatores, que adquirem um novo olhar após as ideias introduzidas por Marx, que percorreram o século XX e foram ressignificadas nos anos seguintes, como por exemplo na perspectiva interseccional.

Os estudos de Pierre Bourdieu (2010), permitem-nos dimensionar e perpassar os impactos dessas desigualdades na vida dos indivíduos que sofrem opressões e exclusões, sendo possível perceber processo similar quando observamos a inserção das pessoas das camadas populares no meio de ensino a partir dos anos de 1960. As ofertas de oportunidades tidas como iguais não são suficientes, o que significa dizer que para as pessoas negras, depois do processo de abolição incompleta, a busca por educação formal, e conseqüente ascensão social, não evoluiu juntamente com a modernização.

Para além do âmbito educativo, mas não distante dele, percebe-se que as situações desiguais acontecem em outros espaços. Homens e mulheres negros e negras foram por muito tempo totalmente deixados à margem da sociedade, e o processo de inclusão tem sido feito de maneira gradativa. Em um cenário atual em que as relações começam a se estabelecer entre diferentes camadas sociais, o conceito de “novo habitus”, por Silva e Ferreira (2023), nos é fundamental na busca por compreendermos esses novos lugares, os deslocamentos, incorporando o olhar para o feminino, para os contextos sociais e para as relações entre gênero, raça e classe.

No mapeamento e construção de novos territórios, dando seguimento aos movimentos das mulheres negras neste meio, expressivamente a partir de 1970, questões como racismo, machismo e paternalismo tomaram conta das discussões propostas no espaço em que se fundamentava o cinema construído por mulheres negras, o que se tornou impeditivo até mesmo para as reuniões e articulações. De acordo com Edileuza Penha de Souza (2013), a década de 1970 foi fundamental também para intensificar as discussões no que se refere a gênero e raça, inclusive no âmbito universitário.

A luta seguiu então com o intuito de mostrar e validar os conhecimentos (e validá-los como científicos na área das ciências sociais) dos trabalhos desenvolvidos, incorporando outros assuntos como por exemplo a estética, a corporeidade, a cultura afro-brasileira, a ausência dessas mulheres negras nos diversos contextos e as desigualdades sociais. Solidifica-se e ecoa nas vozes dessas mulheres negras novas perspectivas para as criações no meio artístico, político e em potencial para o sistema educacional.

O intercruzamento entre esse cinema idealizado e conduzido por mulheres negras e a educação, com base nos estudos de Rosália Duarte (2009), irá se tornar um norte, visando compreender as distintas formas de construir um ensino transgressor, inclusivo, contextualizado e dialógico. As movimentações descritas anteriormente nos auxiliam, e ao mesmo tempo colaboram, a pensar na seguinte questão: como as criações cinematográficas realizadas por cineastas negras podem vir a ser instrumentos didático-pedagógicos no ensino e na inserção de temáticas educativas, políticas, históricas e socioculturais nas práticas em sala de aula e em outros espaços?

Como objetivos secundários, alguns outros pontos serão visitados, a saber: investigar a presença e a inserção das mulheres negras, inclusive salientando a importância do olhar para os corpos femininos negros nas criações cinematográficas, buscando analisar o campo, compreendido como um “sistema de relações objetivas no qual as posições e as tomadas de posição se definem relacionalmente e que domina ainda as lutas que visam a transformá-lo” (BOURDIEU, 2010, p. 175.) de atuação, os desafios e a relevância das questões abordadas no meio educacional, e para além dele também;

Propor, por intermédio das criações cinematográficas, discussões acerca de questões que envolvem a história e a cultura dos povos negros, dentro das salas de aulas, com o intuito de trabalhar, assim, de forma efetiva com temáticas ligadas a esse grupo; com base nas histórias e criações cinematográficas dessas mulheres negras e seus múltiplos papéis, almeja-se criar ferramentas potenciais para abordar temáticas diversas, como as desigualdades socioescolares, socioeconômicas, de gênero e étnico-raciais.

A relevância dos estudos se justifica pela urgência de transformações no ensino nas salas de aulas, ampliando as discussões e abrindo caminhos para que conhecimentos e conteúdos sejam colocados em pauta, tirando o foco de um currículo eurocentrado, tornando-o mais afrocentrado. Para tanto, o cinema e as criações de cineastas negras se configuram em um caminho para essa mudança, uma vez que as pessoas tidas como “minorias” se sentem representadas, conforme Chartier (1991) elucida, e se reconhecem nas histórias reais e fictícias, o que gera impactos não somente no âmbito educacional, mas também na esfera social.

Para além de apresentar a história de cineastas negras, almeja-se fazer uma análise do percurso, firmando a impossível dissociação das trajetórias dessas mulheres das suas obras. Assim a revisão de literatura será adotada:

por ser um diálogo feito entre o pesquisador-escritor do trabalho e os autores por ele escolhidos para debater a temática, resulta em um texto que não precisa ser inédito, mas sim um texto analítico e crítico das ideias estudadas sobre a temática escolhida (Brizola; Fantin, 2016, p. 27).

A partir desta abordagem metodológica será possível elucidar melhor quais são os caminhos traçados pelas mulheres negras no cinema, observando as nuances representativas e a invisibilidade de seus trabalhos, a presença delas como criadoras, roteiristas, diretoras e em outras funções. Como o início desse capítulo se interliga ao prólogo do contexto apresentado na introdução da temática, vale ressaltar que os dados, no que diz respeito à representação e à representatividade das mulheres negras no cinema, revelam os papéis marcados que elas devem estar postas: nas posições de subserviência.

Todavia, a proposta é exatamente conceder visibilidade a essas mulheres e aos seus trabalhos, demonstrando a importância de um olhar mais apurado para a historiográfica e os contextos em que essas mulheres negras no âmbito das artes, na busca por construir novas concepções de vida, de sociedade e um cinema no feminino, vivenciaram e vivenciam. Nesta mesma linha, subsidiando os escritos, Souza (2020), faz um panorama de como as criadoras e suas criações foram invisibilizadas no meio cinematográfico, ou seja, é preciso contar essas histórias e representá-las efetivamente.

Com esse intuito, deixando transparecer outras narrativas, no ano de 1984, eis que toma a cena Adélia Sampaio (Belo Horizonte, 1944), que se tornou a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem (*Amor Maldito* - 1984) no Brasil, e ainda introduziu um tema importante a ser discutido, que é a questão lésbica no cinema. Porém, por conta da temática abordada, naquele contexto, o longa não foi bem aceito e muito menos divulgado. As criações de Adélia

descrevem de forma consistente o intuito das mulheres negras no audiovisual, com base em acontecimentos sociais, envoltos de sensibilidade, principalmente para tratar de questões tensas e intensas.

Os filmes pensados neste bojo revelam a intenção de incluir e representar as mulheres negras invisibilizadas, buscando dialogar com diferentes gerações, emanando a sensação de pertencimento e de valorização das suas histórias. O amor e o afeto que tanto faltam nas nossas relações começam a ter espaço, juntamente com uma crítica ao preconceito social e de cor.

Nesta roupagem poética de contar histórias, Adélia Sampaio esteve à frente do curta “O mundo de dentro” (2018) e do longa “A Barca Das Visitantes”, que partem de assuntos do contexto prático (principalmente político) como inspiração, evidenciando as dificuldades de ser uma mulher negra no país que vivemos. Essa nova construção de mulheres negras cada vez mais politizadas e com uma melhor noção de sua autonomia (privada e social), auxiliam na elaboração de roteiros fílmicos mais identitários e representativos.

As mulheres negras são capazes de, por meio do cinema, expressar sentimentos até então mascarados na força naturalizada e no corpo objetificado da mulher preta, ao mesmo tempo que invertem os papéis social e historicamente construídos. Novamente trazendo a ideia de “novo habitus” mencionada anteriormente, ao permitir vislumbrar novos espaços a serem galgados, formas diferentes de estar nos lugares e uma maior liberdade em propor abordagens e narrativas a partir de vivências e experiências que atravessam seu cotidiano.

Nesta perspectiva, de um cinema vivido, capaz de desvelar questões de gênero e raça, não no campo biológico, mas pensados nas relações sócio-políticas, cada vez com mais expressividade as mulheres foram articulando suas criações. Um processo de construção identitária, de tomada de consciência de si e de seu entorno, que permitiu organizar assuntos importantes para a comunidade negra feminina, conduzindo ao despertar de uma busca, e ao mesmo tempo de um encontro com quem elas são e com quem elas foram.

Um movimento em construção, e passados 34 anos que Adélia abre alas no meio cinematográfico, surge Viviane Ferreira como a segunda mulher negra a estar na direção de mais um curta-metragem, intitulado “O dia de Jerusa” (2014), que inclusive se torna aqui neste trabalho uma importante ferramenta para a análise fílmica que se realizará mais adiante. Viviane é advogada, nascida em Salvador (BA), uma das fundadoras da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), tem a produtora Odun Filmes e esteve como presidenta da Empresa Paulista de Desenvolvimento do Audiovisual (SPCINE).

A cineasta, diretora e fundadora da Preta Portê Filmes, Juliana Vicente (São Paulo, SP) é um outro nome que trilha o caminho de construção de um cinema negro de uma perspectiva

feminina. Entre suas inúmeras criações, duas delas: *Avós* (2010) e *Cores e Botas* (2010) podem ser mencionadas, com especial atenção para a última, que será trabalhada mais pontualmente no segundo capítulo. No que diz respeito a sua formação profissional e artística, Juliana estudou cinema na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), gerando bons frutos em seus caminhos e embasando sua trajetória no espaço cinematográfico.

Na mesma linha de pensamento, o trabalho proposto pela cineasta, roteirista e diretora do curta-metragem “Kbela” (2015), Yasmin Thayná (Nova Iguaçu, RJ), que, de forma colaborativa, constrói uma experiência realizada *por* mulheres negras e *para* mulheres negras se coloca como mais uma iniciativa de propor discussões inerentes ao universo feminino negro. Destacam-se as criações “Fartura (2019)” e “A vida é urgente (2020)”, entre outras obras de destaque, que por uma ótica social retratam questões urgentes a serem discutidas. Yasmin é fundadora da plataforma online Afroflix, que disponibiliza criações audiovisuais, que tem por intuito dialogar com a comunidade negra e ao mesmo tempo integrar essas pessoas no elenco dos conteúdos.

Observar a trajetória das mulheres negras no cinema, aqui brevemente apresentada, e suas criações permite refletir a respeito dos paradigmas que vêm sendo rompidos e dos lugares que se tem ocupado. Ou seja, é sair de um não-lugar, em que a cor da pele impediu que sonhos fossem vividos, frutos de um processo de mestiçagem no Brasil, aqui pensado pós-abolição (incompleta) da escravidão em 1888, que aconteceu de forma violenta.

As pessoas que nasceram neste período tiveram, automaticamente, status demarcatórios diferentes, algumas negras de pele clara e outras negras de pele retinta, e demais marcadores que vinham como classificação secundária, uma hierarquia social de privilégios: ser pobre ou não, ser homem ou mulher, entre outros. Fato é que a percepção do século atual mostra uma tendência a se entender esse processo como homogêneo, deixando de considerar a diversidade das pessoas negras, o processo formativo do nosso país, as conjunturas históricas passadas e a atual.

O cinema se torna esse aparato de contar histórias, e ao mesmo tempo, formulá-las de um ponto de vista de diferente, se tornando caminho de luta e revolução, e ainda mais de questionamentos de posicionamento e posições social e historicamente formuladas. Mulheres negras à frente das criações cinematográficas são capazes de propor discussões diversas, e pensar o cinema enquanto um instrumento político e educativo, principalmente no que diz respeito à políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às questões da mulher negra.

Concebe-se a ideia de um cinema que seja educativo e pedagógico, no sentido de observar as histórias de vida das cineastas negras, as temáticas por elas abordadas e o fazer

cinema por essa perspectiva, vislumbrando sua aplicabilidade no contexto educativo. Uma construção de imagem da mulher negra que enaltece os pontos positivos e a intelectualidade, capaz de expressar sentimentos e posicionamentos por intermédio da linguagem cinematográfica.

Um cinema inter-relacionado, criado por mulheres negras diversas e plurais, que se posicionam politicamente, e que trabalham com o enaltecimento das diferentes corporeidades e estéticas. De acordo com Ribeiro (2007, p. 9, *apud Weinburger, 1994*) desenha-se o conceito de filme etnográfico, que seria “a representação de um povo através de um filme”. As cineastas e suas criações aqui apresentadas fazem um trabalho similar a esse, contando as histórias de mulheres negras, por meio de uma forma de linguagem diversificada, unindo imagem, discurso e público. Um chamado ancestral, de reconhecimento, reconstrução e ressignificação de identidades, e ao mesmo tempo uma forma de libertação de padrões e condicionamentos impostos socialmente.

As construções a partir do entendimento que se tem de filme etnográfico concedem visibilidade a trabalhos e a públicos, por intermédio de um fazer artístico multifacetado, que sedimenta e norteia identidades, histórias e trajetórias. Um território que está sendo mapeado por mulheres negras no audiovisual, observando o contexto, valorizando a oralidade e a escuta ativa, analisando os fatores condicionantes, as funções, os valores, os simbolismos e os significados do que é percebido.

Um novo olhar sobre o mundo, com base na imagem e nas criações de audiovisuais etnográficos, percebido nas criações das cineastas negras, lançando luz aos oprimidos, aos mais cerceados e à parcela mais excluída da sociedade, começa a ser possível. Observa-se um fazer cinema sensível, que seja dialógico e retrate questões do universo negro feminino, que perpassam pela ideia de interseccionalidade (racismo, sexismo e desigualdade socioeconômica), e até mesmo de uma busca por entender as várias instâncias nas quais as mulheres negras são violentadas.

A trajetória brevemente narrada das cineastas reforça o entendimento de que cada vez mais formulamos um conceito de “Cinema Negro no Feminino”, mostrando a presença dessas mulheres na arquitetura dos trabalhos que veiculam nos mais variados meios. A importância da representatividade das mulheres negras, reverbera nas oportunidades concretas que teremos para pensar políticas públicas que contemplem a diversidade, principalmente em espaços que permitam maiores articulações, como por exemplo: Joelma Oliveira Gonzaga, que é criadora e cineasta e atualmente está à frente da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (com a gestão da atual Ministra da Cultura Margareth Menezes).

Trilhar por esse caminho é também fazer jus a estar em lugares que historicamente nos foram tomados, e trabalhar com as possibilidades para o combate ao racismo, o machismo e as inúmeras outras maneiras de discriminação que os povos negros enfrentam cotidianamente. Partir para um entendimento do que é nosso por direito, buscando cumprir com nossos deveres, mas galgando novos espaços, e esse processo de conhecimento e de autoconhecimento tem seu cerne no contexto escolar, sustentado por políticas públicas que reconheçam, valorizem e incentivem esses movimentos.

2.1 Cinema Negro Feminino e Educação

Partir da premissa do cinema enquanto arte auxiliará na construção do caminho que aqui se almeja propor e percorrer, agregado a mais um fator que se situa na possibilidade de discutir questões sociais. O intuito é trabalhar com criações cinematográficas cujo pano de fundo esteja nas questões das mulheres negras, com a abertura para proposição de novas possibilidades e intervenções.

Ao fazer essa proposta de trabalho paralelo entre o cinema e a educação, aqui se propõe um ampliar de horizontes, em que as práticas pedagógicas contribuam para a formação integral dos estudantes, trazendo para as discussões no contexto educativo questões culturais, sociais, políticas, educacionais, econômicas, e relacionadas a outras infinitas áreas. Duarte (2009) diz da importância da construção de experiências diferentes, e quando nos aproximamos dos filmes, buscamos compreender sua constituição, um movimento de transformação resulta dessa interação, auxiliando ainda no desenvolvimento dos aspectos emocional, intelectual e reflexivo.

Neste sentido, pedagogicamente falando, o exercício de assistir a um filme, significar essa ação e refletir, por si só, já se conjectura como uma atividade, que pode ser transformada a partir do resultado das análises realizadas. Um caráter de mudança se apresenta, de tomada de consciência, e principalmente do entendimento do contexto social que se vive, o que pode gerar sentimentos diversos em cada pessoa. No ambiente escolar essas ações precisam ser bem direcionadas, não somente ao pensarmos na escolha dos filmes, mas também no público que irá apreciá-lo, a didática utilizada, o intuito, o objetivo que cada recurso fílmico é escolhido, a realidade dos estudantes, e outros pontos devem ser levados conta.

Precisa-se considerar ainda as questões que almejam ser trabalhadas, com um olhar cuidadoso e afetuoso para com o público de alunos delimitados. Pensar por exemplo, guiados pela proposta deste trabalho, os conteúdos a serem indicados para professoras e estudantes negras, o que leva a olhar para essas mulheres, suas especificidades e o contexto em que elas

estão inseridas com sensibilidade. Por isso e outros fatores se justifica a necessidade de um planejamento consistente, de escolhas bem delimitadas das criações cinematográficas e de propor formatos de debates considerando o público alvo e suas complexidades.

O intercruzamento entre cinema negro da perspectiva feminina e educação que aqui se almeja, sustenta-se ao compreendermos que o fazer artístico das cineastas citadas se relaciona intimamente com questões políticas. Ou seja, a partir das criações e dos trabalhos dessas mulheres negras é possível pensar e propor novas práticas no meio escolar. Uma outra possibilidade é colaborar para uma melhor aplicabilidade da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que determina a inserção das temáticas culturais e históricas das populações afro-brasileiras nos currículos escolares da educação em todas as fases de ensino.

O intuito com a criação da Lei é que as instituições de ensino comecem a introduzir questões referentes à população negra, problematizando alguns pontos pouco ou nada discutidos e permitindo que a comunidade escolar conheça e reconheça a cultura e a história desses povos. O objetivo é, portanto, reformular a visão que se tem, deixando de lado a visão do colonizador e ouvindo, enaltecendo a diferença e a pluralidade.

A condição de servidão que se desenhou, definida por vezes pela cor da pele e por outros elementos corpóreos, gerando diferentes formas de preconceito, percebidos ainda na atualidade, precisa ser desconstruída. O corpo não mais como espaço de tensionamentos, mas sim um olhar para as corporeidades negras, enaltecendo os traços estéticos, a beleza e as potencialidades. O cinema e as criações das cineastas negras funcionam como instrumentos pedagógicos capazes de transformar por meio da imagem, auxiliando ainda no embasamento de novas perspectivas curriculares.

A representatividade ativa é imprescindível em um contexto marcado por feição sem semelhante, no qual as visões de mulheres negras que se tem estão atreladas à subserviência e à objetificação. Por isso, o movimento de desconstrução e de autoconhecimento precisa acontecer para que as professoras e as estudantes, no meio escolar e em outros espaços, reconheçam-se, conheçam sua história, sua ancestralidade e sua cultura.

A reconstrução de toda uma história narrada por uma ótica eurocentrada caminha por uma perspectiva decolonial que se sustenta exatamente no confronto com o que se tem posto como verdade absoluta pelos europeus. Para Rosa (2021, p. 5) “o pensamento decolonial é uma construção intelectual e ao mesmo tempo política de diversos pesquisadores da América Latina originários do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) surgido nos anos de 1990”.

O cinema negro com base em uma construção feminina se mostra em constante movimento de emancipação, suscitando importantes discussões políticas, e na busca por

desmistificar rótulos e estereótipos impostos às mulheres negras, principalmente às questões ligadas à estética e ao gênero. Neste sentido, as criações dessas mulheres negras se tornam aparatos pedagógicos no desenhar de uma nova concepção de ensino-aprendizagem e práxis educativa, sustentando o que se almeja com as premissas decoloniais.

A apresentação de três filmes com propostas diferentes, mas ao mesmo tempo interligadas, construídos por cineastas negras, oportuniza o contato com conteúdo e conhecimentos organizados de forma a atender uma educação ainda mais inclusiva. As criações nos mostram que existem maneiras de expor e problematizar questões pouco (ou nada) trabalhadas, que podem auxiliar as professoras e as alunas negras na formação de sua identidade, no reconhecimento de sua ancestralidade, história, cultura e de seus traços corpóreos.

A sensação de estranhamento e de não pertencimento será, em alguma medida, colocada em pauta, quando os componentes curriculares forem trabalhados de formas diferentes, ou seja, em sua aplicabilidade ser capaz de envolver os alunos nas etapas dos processos. Neste sentido, a possibilidade de um ensino cada vez mais contextualizado e com significado emerge como um trajeto a ser percorrido, assumindo uma roupagem pessoal, buscando olhar para as especificidades dos alunos.

O desenvolvimento de um olhar mais humanizado dialoga com a ideia de representatividade dos que estão em posições tidas como inferiores, e o cinema pode auxiliar nesta virada de chave. De acordo com Souza (2020, p. 178), as obras cinematográficas “atuam no sentido de promover a diversidade e a identidade negra, e, ainda, nos possibilitam enquadrar diferentes estilos naquilo que se convencionou chamar de gênero cinematográfico”. A autora nos faz entender que as histórias e as criações das cineastas negras são caminhos de transformação de questões ideológicas, preconceitos, racismo e toda forma de discriminação.

O que foi posto colabora com a ideia de formarmos um novo território, ou pelo menos, de construí-lo a partir de uma visão diferenciada do mundo, o que significa dizer que lugares nunca antes adentrados e ocupados passam a fazer parte da rota das mulheres negras. Uma nova dinâmica das relações sociais se configura, ou como nos diz Silva e Ferreira (2023), uma reorganização do *habitus*, que coloca em questionamento as posições e os lugares de poder social e historicamente eleitos.

Com base nestas premissas, o gênero se tornará um marcador importante para entendermos esses deslocamentos, que comungam com o conceito de “*habitus de gênero*”. Para tanto, como ponto de inserção dessas discussões em sala de aula, as criações cinematográficas, as histórias das criadoras e o trabalho com as professoras, e por conseguinte, com as estudantes

constituem espaço de reflexões dessas mudanças, e, ao mesmo tempo, um meio de costurar novos caminhos.

Na mesma linha de pensamento, o que une esses pontos são as ideias de objetivismo e subjetivismo, que liga o indivíduo ao mundo material e ao social, transita pelo campo simbólico, e que observa as práticas sociais e as individuais. Coloca-se aqui uma forma de transgredir, uma proposta de educação transgressora, um ensinar a transgredir, com um olhar para as impermanências e deslocamentos. Essas novas disposições sociais são importantes de serem percebidas, pois impactam no entendimento dos lugares e do que forma o indivíduo.

O processo de construção da identidade, em especial das mulheres negras, é um ato de questionamento das imposições, de propor definições coletivas e singulares, em que os desejos e os sentimentos intrínsecos participem da construção. O cinema negro idealizado por mulheres negras traz a urgência de novos princípios de inteligibilidade que oportunizem formas de comunicar diferenciadas, com linguagens múltiplas. O que se concebe nas diferentes esferas, seja pública ou privada, espera-se também no âmbito escolar, com práticas que instiguem o resgate da ancestralidade e das memórias dos povos negros.

No campo simbólico, certas mudanças estão em curso, principalmente no que diz respeito aos fatores subjetivos, por existir uma maior abertura para que os sentimentos sejam expressos. Os padrões de relacionamento se entrelaçam em novos formatos, e a compreensão de gênero se amplia também, o que configura uma maior liberdade na construção das relações. Um movimento dialético de interiorização e de exteriorização, que ainda não é capaz de romper integralmente com as relações de poder existentes, e as mulheres apesar de já terem conquistado espaços e condições nunca antes ocupadas (no mercado de trabalho, nos meios acadêmicos em outros espaços sociais) ainda não conseguem se desvencilhar por completo da dominação masculina.

A consciência de todas essas violências, sejam elas simbólicas ou materializadas de alguma forma, precisa ser estimulada. Mecanismos para extinguir ou minimizar essas desigualdades de classe, gênero e raça/etnia, precisam ser pensados e colocados em prática. Os distintos campos sociais, com as pessoas que os compõem são agentes de transformação, e neste sentido, ao considerarmos o espaço escolar, conseguimos compreender que a configuração de novos *habitus*, inclusive de gênero, é sempre uma possibilidade. As instituições de ensino são detentoras de um lugar organizativo que é capaz de propor microdeslocamentos nas estruturas postas, ou seja, uma ação coordenada para a liberdade e para uma reordenação dos padrões constitutivos.

Façamos, pois, uso desse espaço, como um campo aberto para as discussões sociais, em especial as que nos provocam a pensar as questões de gênero e étnico-raciais. A prática proposta, quando atrelada ao cinema, nos mostra o caráter educativo presente nas criações cinematográficas, um entrelaçar entre o currículo escolar e o currículo do cinema, ampliando a dimensão cultural e histórica no contexto educacional. Duarte (2009) traz a ideia de uma pedagogia do cinema, defendendo exatamente o enunciado acima, elucidando a importância das discussões propostas pelos filmes e que elas sejam trabalhadas no meio escolar.

Encontra-se no universo fílmico e nas criações cinematográficas um caminho para dimensionar possíveis ações. Os textos fílmicos, através dos enredos, trazem nuances que permitem um diálogo entre ficção e realidade, e ainda a reflexão e a alteridade, que por vezes nos torna protagonistas e em outros casos espectadores. Corroborando com os dizeres anteriores, Duarte (2009, p. 58) argumenta que

Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos necessidades de sair um pouco do mundo real para aprender a lidar com ele. Além disso, a ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência.

Caminhando por essa perspectiva, entende-se que há uma ruptura temporária entre dois mundos paralelos (ficção e realidade), e isso acontece por intermédio das criações artísticas que, com as histórias contadas no plano ficcional, são capazes de provocar mudanças de perspectivas no contexto real. Assim, o cinema e suas criações configuram-se em instrumentos educativos, pois colaboram para o trabalho com questões políticas, sociais e étnico-raciais nos processos educativos formais e informais.

Nessa mesma linha de raciocínio, percebe-se que as contribuições se desdobram para um contexto mais amplo, auxiliando os sujeitos que apreciam essa espécie de aparato cultural a pensarem acerca de questões de caráter público e social. Para tanto, é através do universo cinematográfico que temáticas atuais ou que já vêm sendo discutidas no decorrer dos tempos podem ser trabalhadas. Todavia, mesmo com o reconhecimento que em alguma medida as produções artísticas colaboram para a compreensão de assuntos do contexto real, é preciso colocar que muitas pessoas não têm acesso a esse espaço de difusão cultural.

Bourdieu (1979, *apud*, Duarte, 2009, p. 13) fundamenta a importância do desenvolvimento do que se nomeia “competência para ver”, que está atrelada a um entendimento de mundo, considerando os fatores subjetivos e objetivos, e ainda o universo social e cultural das pessoas. Com essa disposição apurada, nos tornamos aptos a compreender

o nosso contexto social, ao mesmo tempo que transitamos por outros meios, e a linguagem audiovisual se torna esse canal.

O desenvolvimento desta competência tem raízes mais profundas, e essas estão intimamente ligadas à desigualdade, ao meio de convívio dos sujeitos, ao *habitus*, ao contato com as artes, com a mídia, com um ciclo social e de convívio, e ainda a um espaço cultural. Para Bourdieu (2003, p. 53-54), o *habitus* seria definido: “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações”.

Desta forma, a educação precisa ser observada de acordo com perspectivas diversas, para além de um processo educativo, ser entendida como um processo de socialização, resguardando a importância do transitar por campos diferentes. O cinema e suas criações nos permitem proporcionar isso aos alunos, por ser uma arte que não apenas é capaz de captar o “real”, mas também de proporcionar a magia da ilusão e a transposição da realidade que é inerente ao cinema. Abre-se então novos horizontes, com inúmeras possibilidades de criar mundos reais e ficcionais, e neste ponto habita o encanto, pois existem maneiras variadas de expor temáticas, e um espaço ainda mais amplo para as discussões.

2.2 A Educação, o Cinema e a Vida

A criação de uma linguagem audiovisual, que amplia as possibilidades de comunicar por meio do movimento e das imagens. Novas narrativas surgem, com dinamicidade e fluidez, fazendo com que essa comunicação alcance outros espaços e diferentes públicos. Uma mudança de planos no audiovisual, que busca superar a estaticidade e dar movimento/vida às histórias. Um novo caminho que se apresenta, e que pode ser desenvolvido em paralelo com a educação, que em linhas gerais, almeja também a promoção de um processo de ensino-aprendizagem mais inclusivo, diversificado e dinâmico.

O movimento de unir cinema e educação traduz um fazer, em que autoria seja sempre revelada, ou seja, uma proposta prática e contextualizada, em que histórias reais possam ser contadas na ficção, onde o oposto também se aplica. Traz para as discussões os jogos de poder que se estabelecem, com o intuito de analisar os enquadramentos de gênero, a estética e a ética dos traços. Torna-se importante um olhar para o sujeito criativo, revelando a imagem e o som de quem cria e recria, colaborando para a percepção das identidades e como elas foram histórica e socialmente forjadas.

Um entrelaçar que alinhava realidade e ficção, que em seu cerne almeja um ensinar a ver, no espaço escolar e em outras esferas. Significar as narrativas se torna ação imprescindível também, e esse processo de significação acontece com base na interpretação, que pode ser guiada por experiências pessoais ou pelo que é veiculado nos artefatos audiovisuais. Duarte (2009) reitera em sua obra a importância de analisar as narrativas fílmicas, e ao mesmo tempo pensar o enlace entre trabalho prático e teoria, que é um dos diálogos que aqui se propõe.

Portanto, a intenção é romper com correntes epistemológicas comumente aceitas, arquitetando um movimento contrário na área de pesquisa, partindo de baixo para cima, exemplificando melhor, a partir das imersões e percepções das vivências é que vai se forjando o objetivo de pesquisa. Pretende-se unir duas instâncias, o subjetivismo e o objetivismo, e pensar uma terceira via, que aqui coabitam no mesmo espaço, considerando que a sensibilidade da pesquisadora se torna possibilidade de descoberta do que se passa nas salas de aulas.

As investigações e análises que esse trabalho propõe, são de cunho sociológico, com o intuito de entender as relações sociais estabelecidas, mais particularmente ligadas ao gênero e as relações que se alinhavam entre homens e mulheres nos espaços comuns. O processo das descobertas, bem como a análise das questões e tensionamentos acontecem à medida que a teoria encontra aplicabilidade prática e se formulam justificativas para tais fatos ou acontecimentos.

Pensando em colaborar com as discussões, além das autoras Silva e Ferreira (2023), que já se colocam a partir de uma visão bourdeusiana para o entendimento de novo *habitus*, trago a partir de Rodrigues e Anchieta (2016), a visão de Goffman, em seu exposto *The Arrangement between the Sexes* (1977) — O arranjo entre os sexos (no português), que revela um determinado poder que as mulheres detêm. Em um contexto social cujo poderio é, em suma, masculino, o que reverbera nas relações de trabalho, emerge em espaços como esse o exato movimento de contestar essas posições social e historicamente definidas, ao mesmo tempo que joga luz nesses deslocamentos que tem se efetivado.

Busca-se perceber as violências simbólicas, e ao mesmo tempo traçar caminhos para romper com visões tradicionalistas que dividem o mundo masculino do feminino. O que se almeja, é que em alguma medida, equiparação de direitos e deveres seja efetivamente posta em prática, em um espaço que as mulheres sejam reconhecidas e respeitadas, independente dos espaços e posições ocupadas. Esse movimento compreende uma nova construção social, que com suas ações geram possíveis transformações nos espaços, inclusive no contexto educativo.

O entendimento acima corrobora com o que nos diz Nochlin (2016), ao nos lembrar que não é disputa por qual sexo é melhor ou superior a outro, mas sim fornecer condições para que

outras representações sejam criadas, uma nova concepção de gênero, que se fundamenta em desnaturalizar o que está posto e criar novos cenários e disposições. Um novo arranjo se faz necessário, conforme Goffman (1977) nos propõe, que mostre as diferenças e lance luz acerca das questões sociais pouco debatidas ou naturalizadas em um dado contexto.

Um novo olhar para o atual meio em que vivemos, mas não podemos deixar de compreender que somos seres histórica e culturalmente formados. A importância de estudar e visitar o que já temos documentado é um exercício que precisa ser feito, principalmente no que diz respeito aos papéis e às estruturas sociais nas quais os seres humanos estão imersos. Revisitar leituras e escritos de mulheres negras que nos formam de alguma maneira é unir teoria e prática, evocando um olhar para si e tudo que nos constitui.

As mulheres negras serão um Corpo que integra um lugar histórico-social, um Corpo Feminino Negro com toda sua expressividade, com uma imagem evidente e com suas questões problematizadas. Nasce uma perspectiva de olhar para essas mulheres negras a partir de um novo construto de mundo, em que o corpo feminino negro seja observado pela ótica da sensibilidade, e não mais como um corpo sexualizado e objetificado.

A importância de veicular nas mídias, aqui representada pelo cinema, imagens de mulheres negras, por intermédio de conteúdos que nos mostrem suas histórias e narrativas, torna-se imprescindível. Por isso, as sugestões de filmes escolhidas mostram mulheres distintas, que estão como protagonistas desde o processo criativo por trás das câmeras e em frente a elas, enaltecendo o trabalho como um todo.

Ao estabelecermos uma ponte com o contexto educacional, faz-se necessário indicar caminhos para que essas criações realizadas por mulheres negras cheguem nas salas de aulas, e ao mesmo tempo que se conectem com professoras negras, tornem-se instrumentos para discussões com alunas negras. Ou seja, construir um cinema negro educativo de uma perspectiva feminina é também transcender o espaço cinematográfico, expandindo para outros meios as propostas das criações, oportunizando discussões com sujeitos de faixas etárias e públicos diversos.

As pautas dos filmes elaborados por mulheres negras são sustentadas por questões políticas, que nos levam a analisar as políticas públicas existentes, entrelaçadas com as questões de gênero e de raça. Quando falamos de um cinema político, em especial os pensados e criados por mulheres negras, trazemos para as discussões em sala de aula um caminho para aprimorarmos o que se estabelece na Lei 10639/2003. As discussões podem adentrar pelas violências e desigualdades que as mulheres negras sofrem nos mais variados espaços, no

racismo, na solidão, nas definições de posições ocupadas, no preconceito, na liberdade de seus corpos, no reconhecimento e na valorização de sua intelectualidade, entre outros temas.

Assim sendo, uma nova linguagem construída e transformada pelo olhar, e vice e versa, desenha-se, bem como a construção da identidade, que, em especial, para os povos negros, é movimento contínuo. O cinema e as criações audiovisuais por e para mulheres negras nos proporcionam esse fazer, e principalmente nos concede espaço para os registros, que por vezes nos faltaram e ainda nos faltam. Um fazer e o estar no cinema, como instrumento educativo, capaz de contar e recontar histórias das pessoas negras, representadas na imagem e ecoadas nas vozes das professoras e das estudantes negras, que são, estão e serão.

Redesenhar requer coragem, e para nós mulheres negras, a audácia de, muitas vezes, assumir a centralidade de sua história. Um movimento necessário em nossa incessante busca por firmar território e construir uma identidade que comunique quem somos e de onde viemos. A coletividade é muito importante, assim como a convivência e a partilha entre os nossos. Por isso é preciso redesenhar para depois alinhar.

Um processo de desconstrução, e ao mesmo tempo de reconstrução em curso, que muitas vezes começa em Casa, com um entendimento de um Corpo que habita e povoa, que é por si só. Uma herança ancestral, um sonho de nossas ancestrais, que hoje, tem mais caminhos para se realizar. A vida se mostrando por outras óticas, por uma perspectiva decolonial, como nos traz Rosa (2021), e assim abrem-se caminhos para uma educação antirracista e politizada, que pode ser trabalhada por intermédio do cinema.

De repente situações cotidianas, vivenciadas por mulheres negras nos mais variados contextos entram em cena. Essa representação começa a tomar vida também no contexto educacional e não só nas telas, a ter cada vez mais espaços no livros e na literatura. Embora, muita das vezes, essas histórias não sejam contadas por nós, as construções coletivas pedem caminho para seguir. Esse protagonismo das mulheres é importante, reforçado na escrita de Anchieta (2020), que conta um pouco desta trajetória na busca por existência e reconhecimento.

Um agir que precisa ser conjunto, em coletividade, para se sustentar e trazer perspectivas diferentes de mundo, dialogando com o processo de construção da identidade, de pertencimento e de resistência. Por isso esse conhecimento, e também o processo de ensino-aprendizagem, precisam partir das histórias de cada indivíduo, trazendo aspectos culturais, sociais, políticos, etc. Discussões possíveis de acontecer no âmbito escolar, introduzidas com o auxílio das criações cinematográficas.

A vida acontecendo, vira filme e vira também instrumento educativo, e nos faz pensar na importância de construirmos cada vez mais uma educação antirracista, que busque a inclusão

das mais diversas temáticas e pessoas, mas que também ajude a romper com os estereótipos. Uma visão de mulheres negras como construtoras das histórias, não mais coadjuvantes e em posições subalternizadas, mas nas autorias das narrativas.

Nesta perspectiva é que se pensa também a construção de um currículo mais diversificado, que considere ainda as subjetividades, o desenvolvimento humano e as especificidades. As experiências das mulheres negras, os conhecimentos por nós elaborados e as nossas questões, precisam ter espaço de socialização. Discussões que no contexto educacional devem ser trabalhadas e problematizadas, buscando instigar nos estudantes o senso crítico e a capacidade de questionar os processos. O ensino transgressor que Bell Hooks (2017) diz ser importante começa neste exato momento.

Contudo, precisamos contar com um corpo docente preparado para esse movimento e para essa nova concepção de educação. A mudança começa no abrir-se para o novo, no despertar de professoras negras que passam a olhar para as suas histórias e o quanto a partilha destas vivências e destes conhecimentos é necessária nos mais variados espaços. Assim, a engrenagem começa a se mover e a formação de professoras negras, para lidar com as suas questões e transformá-las em conhecimentos vai tomando formato.

Por isso é fundamental que as nossas raízes estejam fortalecidas e a nossa identidade, ainda em processo de construção, se faça em território robustecido. A partir disso, estaremos comunicando histórias e narrativas para um público cada vez mais diversificado, e ainda trilhando caminhos para chegar até outras de nós. A busca é incessante por mais de nós, em diferentes espaços, movendo engrenagens e ventos de mudanças.

3 AS CONTRANARRATIVAS NA EDUCAÇÃO: UM CINEMA DELAS, POR E PARA ELAS

O processo que aqui se inicia é de des(construção), pela ótica das mulheres negras, muito mais que de construção, em busca de uma formação identitária autoral, canalizada e expressada no cinema e nos filmes. Importante lembrar neste momento a visibilidade e a representatividade ativa que se almeja para as mulheres negras, mapeando, consolidando e oportunizando que cada vez mais pessoas vejam imagens de mulheres negras representando em lugares e posições respeitadas.

Nomear essas mulheres também configura processo importante, então para além de conceder visibilidade às suas criações, é preciso um olhar para as suas histórias, para somente assim compreendermos o que está por trás das narrativas de seus filmes. Antes do que é exibido em tela, torna-se necessário olharmos para o de trás das câmeras, com o entendimento de que um filme só é forma e formato pela existência de um Corpo consciente, que o idealizou, organizou e viabilizou para que, hoje, pudéssemos apreciá-lo nas telas.

Um Corpo presente e que as forma, uma composição, mulheres negras intelectuais, com suas diferenças, representadas de maneiras distintas, com corporeidades múltiplas. Não, não somos todas iguais, temos representantes em faixas etárias diferentes, e não somente isso nos diferencia, mas os traços estéticos, as linhas de pensamentos, os ideais, os objetivos e inúmeras outras coisas, porém um ponto nos une: a ética. Mulheres negras, estética e ética são um desenho a ser trabalhado mais adiante.

Pois bem, quem são essas mulheres negras, como criam, para quem e com quais objetivos: Juliana Vicente, Yasmin Thayná e Viviane Ferreira, cada uma com suas criações, respectivamente, “Cores e Botas (2010)”, Kbelá (2015) e “O dia de Jerusa” (2014), constroem narrativas em que as questões das mulheres negras são os fios condutores. De início será feito um panorama geral dos enredos das três criações, e posteriormente a análise fílmica, que de acordo com Marcio Antonio Raiol dos Santos, Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo e Carlos Afonso Ferreira dos Santos (2020, *apud*, Vanoye e Goliot Lété, 1994), é

um processo constante, a decomposição ou o desmontar de um filme, seria o meio pelo qual se consiste em descrever e interpretar uma linguagem fílmica. De acordo com os autores, essa análise se constituiria em dois momentos: a descrição a partir da desconstrução de um texto para a obtenção de um conjunto de elementos distintos do próprio filme; e a interpretação, que buscaria a compreensão dos elos dos elementos isolados e como esses elos se associam e se relacionam para a busca de um significante.

A construção de novas linguagens, no contexto cinematográfico, com aplicabilidade no espaço educativo, a partir do recurso audiovisual, enquanto instrumento educativo se mostra como um caminho. Ao mesmo tempo que se abre espaço para a construção de um cinema com filmes educativos, feitos por mulheres negras e que dialogam com professoras e alunas negras. Um trabalho alicerçado na oportunidade de construir narrativas diferentes, que sejam verdadeiramente representativas, identitárias, de uma perspectiva feminina afrocentrada e dialógica.

Refletir a respeito do que nos proporciona momentos felizes é uma das propostas de “Cores e Botas (2010)”, ao mesmo tempo que nos instiga a pensar em nossos diálogos ausentes e das conversas que não tivemos com nosso ser criança. Esse curta evidencia exatamente os anseios que tivemos na infância e dos lugares onde gostaríamos de estar e fomos cerceadas de alguma forma.

Essa realidade retratada é a de muitas mulheres negras, que frequentam espaços (como o escolar por exemplo) em que são uma das únicas pessoas negras, o que acarreta em certas implicações, como: um delimitar de lugares transitáveis e acessíveis. Muitas são as violências sofridas e lidar com o racismo cotidianamente ainda é uma realidade, e muitas outras questões vêm à tona, como o sexismo, por exemplo. Transitar por espaços em que pessoas negras são minoria é um ato de resistência e de luta, mas que ao mesmo tempo nos mostra a importância da presença e de um caminho para a transformação.

Porém existe um movimento em curso de mulheres negras na busca por minimizar as violências sofridas, em coletividade como nos apresenta Kbelá (2015), pensando na questão da representatividade a partir do audiovisual, em que este é o meio, instrumento e caminho de promoção de ações e discussões, que vai colaborar para refletirmos, e ao mesmo tempo, começarmos a desconstruir a ideia de sub-representação nos espaços. O intuito de Kbelá é ressaltar a diversidade e a pluralidade, enaltecendo os diferentes traços, em especial os estéticos e dos cabelos, pretendendo que com esse olhar e com essa percepção, as mulheres negras não venham a vivenciar (ou pelo menos diminuir) as diferentes formas de racismo ao longo da vida.

Ao mesmo tempo que o curta propõe um resgate de nossas raízes e ancestralidade, permite rememorar nossa cultura afrobrasileira, que consiga evidenciar a força ancestral, os traços estéticos e éticos, a beleza dos cabelos e dos corpos negros. A proposta de Kbelá se traduz em uma forma de comunicação diferente, que nos permite a leitura de espaços e dos corpos que os habitam, se tornando uma criação ancestral, cuja proposta é um chamado para a coletividade, e ao mesmo tempo para a pluralidade de mulheres negras.

Distante de um conformismo, de uma não contestação das posições de subserviência e apagamento ocupadas, mas um jogo de sobrevivência, que requer rearranjo de estadia nos espaços. O que não pode nos faltar nos meios em que as pessoas negras são minorias é uma consciência identitária, juntamente com o entendimento das diversas questões interseccionais que nos atingem e das formas de não perpetuação delas. O cinema de uma perspectiva negra, por meio de suas criações, como o *Kbela* por exemplo, é um caminho de quebra de preconceitos e de inserção de temáticas do universo negro (em especial feminino) nos mais diversos contextos.

Kbela concretiza essa ideia ao elencar uma diversidade de histórias, de corporeidades, de tonalidades de peles e de representatividade, e as muitas mulheres que o forma são corpos e vozes que ecoam vivências e histórias, que ajudam a combater o preconceito, a discriminação e o racismo. Para além de tudo isso, veremos mais adiante, de maneira mais detalhada, o quanto *Kbela* é movimento ancestral, e por isso o que comunica diz sobre muitas outras, das dores, da solidão, do medo, do preconceito, mas sobretudo da liberdade.

“O dia de Jerusa” (2014), que nos chama e ao mesmo tempo nos desperta um olhar para a ancestralidade. Com o entendimento de que existimos em algum momento, ou pelo menos, pessoas existiram por nós em tempos e contextos variados. Nós somos Casa, e isso significa dizer que somos um Corpo, constituído por experiências, por isso nada mais justo que o movimento de nomearmos nossos sentimentos, mostrar o lado de uma história que existe e precisa ser contada e retomar nossas raízes e identidade.

O filme nos faz pensar neste processo, de descoberta e de autodescoberta, de identificação, de reconhecimento e de pertencimento, trocando a ideia de não-lugar pela de lugar em (des)construção. Somos frutos da nossa memória, das nossas “escrevivências”, como nos diz Conceição Evaristo que pensou esse conceito, ou seja, do que vivemos ou as nossas ancestrais viveram por nós, e que agora podem se tornar voz dessas mulheres, que ecoam juntamente com o sentimento de liberdade e de registro no campo cinematográfico.

O desconhecido aos poucos vai se tornado sinônimo de representatividade, que com uma simples solicitação de resposta a um questionário para uma pesquisa de sabão em pó, traz a identificação, que aproxima as duas protagonistas da realidade e da felicidade. Que a energia que une tantas mulheres em “*Kbela*”, “*O dia de Jerusa*” e “*Cores e Botas*” se torne condutora de transformação, e um elo indissociável com a liberdade, o amor, o respeito, o cuidado e a felicidade.

Com um panorama geral dos três curtas que serão analisados, fica estabelecida uma organização para esse processo, que se fundamenta com um olhar para as protagonistas de cada

filme, pensando a idade como marcador progressivo. Desta maneira, a primeira sequência a ser analisada se encontra no Cores e Botas, por ter em seu enredo o protagonismo de uma criança, passando para as análises de Kbelá e, por fim, O dia de Jerusa.

Feitas essas considerações, a proposta é realizar uma análise fílmica, com base no estilo que se propõem as fichas pedagógicas, fazendo assim o papel de tornar as discussões propostas nos filmes algo dialógico. Neste processo, o que se almeja é colaborar para que os diálogos se ampliem e se tornem mais acessíveis, por isso a importância de estreitar laços e criar pontes com o contexto educacional.

O movimento que se almeja realizar está em consonância com as disposições previstas nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que conjuntamente alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996). A busca então, com essa análise em formato de ficha pedagógica, situa-se em propor a inclusão e a obrigatoriedade das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, nas práticas escolares. Com caráter formativo também, ao pensar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, tanto professores(as) e estudantes são introduzidos no combate à discriminação e as mais variadas formas de violências e se situam quanto às políticas públicas afirmativas.

Importante ainda, considerar um outro documento de suma relevância no direcionamento do processo de ensino-aprendizagem, que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017). Como o próprio nome diz, este é para ser um documento “comum”, uma base que tenha desdobramento e aplicabilidade em toda a educação básica. Pensando na BNCC, e na relevância da mesma para este trabalho, traz-se o conceito de transdisciplinaridade, que visa integrar diferentes áreas do conhecimento.

Para tanto, a BNCC instiga essa interlocução, de forma a superar as fronteiras tradicionais entre disciplinas, promovendo uma abordagem mais holística e conectada com a realidade complexa e interligada do mundo contemporâneo. Assim sendo, a ideia das fichas pedagógicas surge também neste contexto, principalmente pensando a integração entre as áreas de conhecimento, estimulando a reflexão e a atuação sobre questões que envolvem múltiplos aspectos da realidade humana e social.

A busca, para além de garantir que todos os estudantes tenham acesso a um currículo base, está na necessidade que este seja significativo, estimulante e alinhado com as necessidades do mundo atual. Nesse sentido, a transdisciplinaridade pode ser entendida como uma prática pedagógica que articula conteúdos e saberes de diferentes áreas do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento de competências que transcendem as fronteiras disciplinares tradicionais.

Percebe-se uma conexão, por meio de uma proposta de uma educação que visa tornar o aprendizado mais relevante, conectado com a realidade dos estudantes, e que prepara o aluno para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais interconectado e complexo. A integração de saberes e a formação de competências globais são, portanto, objetivos centrais da BNCC que podem ser potencializados pela abordagem transdisciplinar, e colocados em práticas por intermédio da aplicabilidade das fichas pedagógicas.

O caminhar é ainda no sentido de que docentes e discentes percebam a escola como território de formação de cidadãos, e para tanto precisa ser inclusivo, plural, múltiplo e diverso. A representação e a representatividade são pontos levantados neste trabalho, juntamente com a importância de valorização da diversidade brasileira, que precisa em sociedade trabalhar as questões étnico-racial e de gênero, incluídas na práxis escolar. Um contexto educativo transgressor, que rompe com os muros da escola, que conversa com públicos diversos, que propõe narrativas diferentes, e que se utiliza das artes para isso, e é neste cenário que o audiovisual se torna um caminho possível.

3.1 Ficha Pedagógica - Cores e Botas

<p>Sequência Analisada: 10:11 - 11:47.</p>
<p>Elenco: Jhenyfer Lauren, Dani Ornellas, Luciano Quirino, Bruno Lorenço, Maristela Chelala; Roteiro e Direção: Juliana Vicente; Produção Executiva: Nalu Béco; Direção de Fotografia: Lucas Rached; Direção de Arte: Regina Célia Barbosa; Produção de Arte: Alexandre Borzani; Produção: Juliana Vicente e Nalu Béco; Som Direto: Gabi Cunha; Montagem: Yuri Amaral e Daniel Grinspun; Desenho de Som e Mixagem: Guile Martins.</p>
<p>Análise da Sequência:</p> <p>Uma mesa em um canto, e a gente não poderia pensar que doeria tanto! A sequência se inicia com um diálogo entre o pai e a mãe da família, em que a mulher indaga o esposo se deveria falar com a filha a respeito dela não ter passado no teste para se tornar uma paqueta da Xuxa. Assuntos sensíveis, diálogos pouco desenvolvidos e isso se torna perceptível com a negativa do pai em prosseguir com a conversa, apaziguados com a postura da filha, mas inflamados criticamente com os dizeres do filho.</p> <p>O início da sequência nos mostra os diálogos ausentes, no sentido de existirem questões que não precisam ser sequer discutidas e problematizadas, das emoções e</p>

sentimentos contidos, até mesmo por conta do ambiente requintado que o restaurante de classe média oportuniza. É preciso manter a postura e a compostura, moldar-se ao ambiente em que se está inserido, incorporar elementos e trejeitos necessários para se manter naquele ambiente. Aquela mesa se transforma em um molde, que condiciona não somente pessoas, mas sentimentos.

A preocupação é ainda mais aparente em manter uma boa postura, quando a filha e o filho se posicionam, e assim se percebe um trabalho de contenção dos ânimos. A filha é precisa em dizer que não será uma paqueta da Xuxa e o filho ainda mais pontual em dizer que ela não tem os traços e padrões para assumir essa posição. Um rompimento linear acontece, quase que como um desmoronar de toda a postura da família até o momento.

Observe o entorno, nos chama o filho e a câmera abre, deixando a luz amarelada do ambiente ainda mais perceptível, o que conseqüentemente, deixa mais visível que aquela era a única família com pessoas negras jantando naquele restaurante. No abrir da câmera é possível notar o que até então estava camuflado pelo dinheiro, que permite acessar determinados espaços, mas jamais iguala as pessoas que ali estão. Ascender socialmente, em alguma medida, nos permite transitar por espaços em que o poder aquisitivo é um marcador importante, que nos permite enveredar por lugares que detém outras formas de capitais, porém ser negro e ser negra não é algo negociável, e sim nos tira e nos coloca em determinados espaços.

A tonalidade da pele chegará sempre em primeiro lugar, e o poder aquisitivo está em segundo lugar, com uma prerrogativa contestável, a depender da postura que a pessoa adota. Transitamos sim por um mundo das elites, e precisamos jogar o jogo que a branquitude nos impõe, contestando sempre e buscando cotidianamente trabalhar em uma construção identitária, para não estarmos mais somente em uma mesa em um canto, para doer um pouco menos.

Romper com esses lugares predispostos e taxativos se configura em um movimento de nomearmos e enxergarmos mais Joanas nos mais variados espaços, que com uma postura de criança, compreende que aquela ideia de mundo não se aplica à sua realidade, e então constrói uma nova narrativa. Contranarrativas, em um contexto no qual seguir somente o padrão imposto pela branquitude deixa de ser a única opção, pois sim, existem outros corpos e outras tonalidades de pele.

O exercício feito pelo filho precisa acontecer cotidianamente, observando que frequentamos espaços comuns, mas que existem diferenças e que elas precisam ser percebidas

e analisadas. Uma reflexão necessária a ser feita: uma vez que estarmos representados nos espaços é caro para nós, igualmente ao preço que pagamos por isso, nos permite compreender que ascender socialmente e conquistarmos determinados espaços tem um preço alto.

Aprender a conviver em uma linha tênue, é uma das primeiras inquietações, pois ao transitar por lugares nos quais as elites estão em maior número representadas nos faz sempre procurar pelos nossos, que na maioria das vezes estão ainda em posição de subserviência. Balançamos, como o pai ao pegar a chave do chofer, um homem negro, que ali presta um serviço para outro homem negro, mas em posições diferentes.

Uma realidade que nos é cruel, pois é neste exato momento que percebemos que vivemos em mundos tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes, em um território de luta, em que a cor da pele e a raça importam e se tornam demarcadores. Somos formadas de dores, mas também de afetos, a felicidade também nos pertence e que ela permaneça apesar das adversidades e de toda dor causada pelo preconceito, pelo racismo e de tantas outras maneiras pelas quais somos violentadas todos os dias.

Discussões importantes de serem amplamente discutidas nos mais diversos espaços, inclusive no escolar. Sendo assim, assuntos como o racismo, os estereótipos relacionados ao corpo, cabelo e tonalidade da pele, podem ser pautas para uma aula de ciências e de arte, por exemplo. Ao mesmo tempo, que pensando a interdisciplinaridade, a disciplina de sociologia pode vir a ser um lugar de ampliação das discussões relacionadas à construção social, os demarcadores, as posições sociais e como se estabelecem relações entre pessoas diversas no contexto social.

Uma outra forma de inserção dessas temáticas no ambiente escolar se ampara no trabalho nas diferentes formas de linguagem e de expressão. Ou seja, é possível observar o quanto a linguagem cinematográfica comunica ativamente, e uma forma de efetivar isso é exatamente na introdução de filmes nas aulas. Tomando por base Cores e Botas e a sequência de análise proposta, se levado para salas de aulas, independente da faixa etária escolhida, discussões podem vir a ser suscitadas.

Movimento instigado por Hooks (2017), com sua ideia de uma educação transgressora, no sentido de construir diálogos que extrapolam os muros da escola, e da mesma forma, trazer assuntos debatidos em outros contextos, mas ausentes nas salas de aulas. Essa prática de liberdade para construir novos elos e desfazer outros é importante, e o cinema visto como caminho educativo sustenta essa proposição. A Lei 13.006, de 26 de junho de

2014, torna obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, e isso precisa ser mencionado ao propor essa interação.

Assim sendo, é imprescindível pensar nessa transposição, e principalmente no formato de mediação dessas discussões, por isso falar em formação de professores se torna importante. Precisamos contar com professores bem instruídos, com um certo domínio a respeito das discussões propostas, e ao trazermos esse ponto à tona, chamamos atenção para as políticas públicas educacionais. Se verdadeiramente almejamos um ensino que seja inclusivo e diverso, precisamos oferecer suporte para tal, e isso em todos os sentidos, seja no quesito formativo e de valorização docente, como também na oferta de recursos.

Uma escola formada para a diversidade, que saiba acolher as tantas Joanas que temos pelo nosso Brasil, que respeite as individualidades, que enalteça a diversidade e que, principalmente, faça do respeito algo constante. Precisamos contar com um corpo docente letrado racialmente, que em sua formação tenha acesso às mais variadas discussões no quesito étnico-racial e de gênero, para não somente serem capazes de introduzir essas questões em sala de aula, mas também compreender as mais variadas situações que podem estar envolvidos.

Dialogar, especificamente com professoras negras é importante ao dizermos da necessidade de uma formação com e para mulheres pretas, pois mais uma vez é preciso reforçar: estamos em processo de construção identitária. Ainda precisamos de mais de nós nas escolas, de uma representatividade que seja ativa, inclusive na construção dos processos. A avaliação de Joana, que a leva a iniciar o seu discurso na mesa do restaurante dizendo que “não será uma paqueta da Xuxa”, poderia ter sido diferente se avaliada por uma mulher negra.

Uma mudança de olhares e de perspectivas, passando a analisar as situações por uma ótica mais diversificada, sob as quais pessoas negras estejam em posições diferentes, em lugares mais próximos de movimentar e contestar estruturas postas. A mesma visão despertada pelo menino, com seus questionamentos aos pais, pode ser instigada em sala de aula, pois é uma forma de confrontar, até então, uma realidade tida como normal.

São essas novas perspectivas que se abrem que permitem olhar para si e para a realidade que se vive, como o confronto de olhares entre o pai e o chofer. A câmera fecha e se aproxima dos rostos dos dois e a sequência finaliza, deixando o pai aparentemente reflexivo, uma vez que ele acabara de sair de uma posição onde estava sendo servido, e encontra seu semelhante servindo-o.

Objetivos Pedagógicos:

1. Lei 10.639/2003 - Educação para as Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-Brasileira

- Objetivo: Promover o conhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e discutir a representatividade dos negros na mídia.

- Atividade: Análise Cultural – Discutir a representação da cultura negra na mídia e como ela influencia a identidade e as aspirações das crianças. Estudar o papel histórico e cultural das paquitas, e como as figuras públicas influenciam a percepção cultural.

2. Lei 11.645/2008 - Educação Escolar Indígena e Afro-Brasileira

- Objetivo: Integrar o estudo das culturas afro-brasileira e indígena nos currículos escolares, promovendo a diversidade cultural e a inclusão.

- Atividade: Projeto Multicultural – Desenvolver um projeto de pesquisa sobre a diversidade cultural no Brasil, incluindo a história, cultura e representações dos povos afro-brasileiros e indígenas. Os alunos podem criar apresentações ou murais que destacam as contribuições desses grupos para a sociedade brasileira.

3. Lei 13.006/2014 - Obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica

- Objetivo: Enfatizar a importância do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, integrando essas temáticas aos currículos escolares.

- Atividade: Discussão sobre Influências Culturais – Explorar como figuras culturais como Xuxa impactam a percepção da cultura negra e branca. Realizar uma roda de conversa a respeito de como a história e cultura afro-brasileira são representadas na mídia, e como isso afeta a autoestima e os sonhos das crianças negras.

Aspectos por Disciplina:

1. História e Sociologia

- Objetivo: Compreender a influência da cultura afro-brasileira e a sua representação histórica, social e cultural.

- Atividade: Linha do Tempo Cultural – Criar uma linha do tempo destacando marcos importantes da luta histórico-social negra, e da cultura afro-brasileira, incluindo figuras influentes e eventos históricos que moldaram a identidade cultural das populações negras.

2. Geografia

- Objetivo: Identificar e discutir a diversidade cultural e étnica nas diferentes regiões do Brasil.

- Atividade: Mapa Cultural – Produzir um mapa que ilustre a diversidade cultural e étnica no Brasil, destacando as contribuições e influências afro-brasileiras em diferentes regiões.

3. Língua Portuguesa

- Objetivo: Desenvolver habilidades de expressão escrita e oral relacionadas à diversidade cultural.

- Atividade: Redação e Debate – Escrever redações sobre a importância da representatividade na mídia, e realizar debates sobre como a cultura afro-brasileira é retratada nos meios de comunicação de massa.

4. Arte

- Objetivo: Expressar a diversidade cultural, considerando o campo artístico.

Neste ponto, considera-se importante fazer um parêntese, principalmente para explicar o conceito de “campo artístico”, à luz dos escritos de Cláudio Marques Martins Nogueira e Maria Alice Nogueira (), que tomam por base os estudos de Bourdieu. Antes de entendermos o conceito por inteiro, vamos primeiro à compreensão de “campo”, que pode ser entendido como uma rede de relações sociais e práticas. A organização desta rede acontece em torno de um determinado tipo de capital (econômico, cultural, social, simbólico, etc.), bem como as disputas por poder, reconhecimento e recurso dentro desse campo.

Quanto ao campo artístico, esse se configura como um espaço onde as práticas artísticas (como o cinema, o teatro, a dança, a música, a pintura, a música, entre outras) acontecem. Pode ser compreendido ainda, como o meio no qual os agentes envolvidos — artistas, críticos, galeristas, curadores, e outros — competem pelo reconhecimento, pelo status e pelos recursos simbólicos e materiais que asseguram sua posição nesse campo.

Contudo, existem uma junção de dois destes capitais, que é crucial para a composição do campo artístico, são eles: capital cultural e capital simbólico, pois ambos são fundamentais para a distinção e a hierarquização dentro deste campo. Neste contexto, o capital cultural refere-se ao conhecimento, às habilidades, ao reconhecimento e outras formas de legitimação no campo cultural, enquanto o capital simbólico está relacionado ao prestígio e ao reconhecimento que um agente ou uma obra de arte podem ter dentro da sociedade.

Ainda no que se refere exclusivamente ao campo artístico, verifica-se que esse é um dos elementos centrais para entender como a arte se organiza socialmente, e como as relações

de poder e as hierarquias se organizam em sociedade. Sendo por fim, um espaço de disputa e construção de significado, no qual os agentes não apenas competem por recursos materiais (como financiamentos e espaços para exibição), mas também por legitimidade e reconhecimento, isso no que diz respeito ao valor simbólico das criações artísticas.

- Atividade: Oficina de Arte – Criar filmes que representem a cultura afro-brasileira e as aspirações culturais da população negra, em que os alunos sejam os protagonistas à frente e por trás das câmeras.

5. Educação Física

- Objetivo: Promover a integração e a valorização cultural através do movimento e da atividade física.

- Atividade: Dança e Movimento – Explorar danças tradicionais afro-brasileiras, e outras manifestações culturais como forma de expressão e valorização da diversidade.

Discussão e Reflexão:

1. Diversidade e Inclusão:

Perguntas para Discussão: Como a presença da família negra em um ambiente predominantemente branco pode impactar a experiência daquele núcleo familiar?; Qual é o papel dos sonhos e aspirações no contexto cultural e social?; Como eles são moldados pelas influências culturais e sociais?

2. Representação e Identidade:

Perguntas para Discussão: De que forma a representação de figuras culturais na mídia influencia a autoestima e a percepção das crianças?; Como a falta de representatividade pode afetar os sonhos e aspirações das crianças?

Atividades Complementares:

1. Feira Cultural:

- Descrição: Organizar uma feira cultural, na qual os alunos apresentem trabalhos sobre a cultura afro-brasileira, incluindo apresentações, exposições de arte e demonstrações de tradições culturais.

- Objetivo: Celebrar a diversidade cultural, e promover o respeito e a inclusão.

2. Palestras e Entrevistas:

- Descrição: Convidar especialistas em cultura afro-brasileira e representatividade para palestras e entrevistas com os alunos.

- Objetivo: Fornecer uma visão mais profunda sobre a importância da representação cultural e a história afro-brasileira.

3.2 Ficha Pedagógica - Kbelá

Sequência Analisada: 06:53 - 13:06

Elenco: Ana Beatriz Silva, Ana Magalhães, Carla Cris Campos, Dai Ramos, Dandara Raimundo, Isabél Zuua, Lívia Laso, Marcellly Knowles Jackson, Monique Rocco, Maria Clara Araújo, Sara Hana, Taís de Amorim, Taís Espírito Santo, Thamyres Capela.

Análise da Sequência:

Duas mulheres negras, um corte de cabelo, os repiques da tesoura, a luz baixa e pouca iluminação. O cenário para uma transição de cabelo, ou melhor de vida, de reconstrução, de um despertar para uma identidade até então encoberta. O retrato de tantas de nós, representadas na sequência, que revela um misto de dor, no que parece um choro por parte de Dandara, mas que ao mesmo tempo nos mostra a importância de sermos nós mesmas.

Um povo em construção, um corpo em formação, a descoberta de um território de gente que também povoa, somos povoadas. O reconhecimento de que não estamos só, que vivemos em coletividade, e que ainda assim somos diferentes umas das outras, e que isso é o que nos forma como mulheres únicas. Nada de confusões, somos o que somos, seja com os cabelos lisos, ondulados ou crespos, com a tonalidade de pele mais retinta ou mais clara, há o que nos diferencia. Somos muitas e não estamos sós, mas o que nos constitui em coletivo são exatamente as nossas singularidades.

Existe uma força ancestral que nos chama a viver essa coletividade, a partilhar as dores e os amores e a ressignificar os processos. Falamos de amor e de liberdade, ao nos olharmos no espelho e ao nos reconhecermos como dignas de contemplação. Ser e falar de amor com mais frequência, e que sim, isso seja premissa essencial de conduta de vida, bem como assumirmos quem nós verdadeiramente somos. Assim, trabalharemos com uma perspectiva de futuro ancestral, não nos esquecendo de um passado que também nos compõe, honrando nossas ancestrais.

Um ser mulher em construção, como muito bem nos diz Isabelle Anchieta (2020), com um desejo de existir no mundo, de sermos vistas e enxergadas por uma outra ótica: a da

liberdade. Corpos e cabelos diversos e livres, para estarem representadas ativamente nos mais variados espaços, e que não mais precisemos nos moldar para caber nos lugares, que sejamos aceitas como bem somos.

O corte e o canto que lavam a alma, e o espelho como elemento de concretude do processo, que funciona como um instrumento de reconhecimento, de pertencimento, de percepção e de compreensão identitária. O sorriso coroa e nos mostra que as rotas estão sendo recalculadas, com o afago da música que embala o corte, suaviza o momento e traz novo ritmo, para o que até então soava triste. O diálogo curto, em tom baixo e com a voz suave, deixa transparecer a tensão do momento, contadas no repique da tesoura, mas traz a nossa história e cultura para a roda.

Movimento que precisamos fazer com mais frequência, inclusive no contexto educativo, em que é emergente não somente trabalhar com história e cultura dos povos negros, mas também abordar os traços identitários que nos formam enquanto seres humanos. Uma educação que envolva questões estéticas, que busque humanizar os corpos negros, e as diferenças corpóreas, ressaltando que essas diferenças não podem ser marcadores de lugares e posições que devemos estar.

Por isso a ética para nós é tão cara, pensando no campo do discurso, juntamente com a estética, se torna um ponto chave para uma formação identitária e também política. Resistência política e afetiva, almejando que a brutalidade colonial, reforçada cotidianamente pelo racismo estrutural, ameace cada vez menos a integridade das mulheres negras. Um politizar também presente na formação docente, uma vez que o movimento de ensinar e aprender as políticas públicas que alicerçam o nosso país é uma forma de transformação ética e estética.

A presença e a representatividade das mulheres negras nos mais variados contextos sociais é importante no mover das pirâmides, para que não mais ocupemos somente posições de menos destaque e de subserviência, e passemos a lutar por equidade de direitos e diminuição das desigualdades vivenciadas. Reforça-se a importância de pensar as questões socioeducacionais, pois a relação estabelecida retrata a realidade, que é imprescindível de ser discutida e abordada no meio escolar, sem perder de vista a interseccionalidade, para que a compreensão das situações fique ainda mais apurada.

Que a liberdade e o direito de escolha façam cada vez mais parte da realidade das mulheres negras, que não sejamos discriminadas por um corte de cabelo, por um decote, por uma gargalhada alta e por simplesmente sermos quem somos. Que o cansaço e as dores deem

lugares a outros sentimentos, que a gente abaixe a guarda com mais frequência, que as posições de cuidado sejam mais nossas, e que o amor também nos pertença.

Os corpos, que eles sejam mais casas, olhadas com carinho, zelo e cuidado que necessitam. Chega de ocupar os lugares que nos objetificam, que somente nos sexualizam, mas que o corpo nu da mulher negra seja visto com a singeleza que carrega, com o acolhimento necessário e com a doçura que lhe é inerente. Que não mais machuque, que consigamos ser quem somos, e mostrar que sim, “é muito amor envolvido”.

Como ainda somos resistentes em falar de amor, ou melhor dizendo, somos carentes no sentir, em estarmos do lado dos que recebem. As relações de cuidado precisam ser revistas, e essas expressões de carinho para com a gente mesmo está na humanização dos processos: no corte de cabelo a luz baixa, por uma mulher negra, que afaga com um canto que fala de nossas raízes ancestrais, em um espaço rodeado de nós, que partilham de dores e sentimentos comuns.

Vivemos por e para essas partilhas, para que essas comunhões aconteçam com mais frequência e liberdade. Que o que nos é sagrado seja celebrado sem medo, sem culpa e com entusiasmo. Quanto aos sentimentos, que a gente seja capaz de expressá-los pela nossa música, nossas crenças, nossa dança e toda força que carregamos conosco, lembrando que não somos sempre fortaleza, que esmorecemos e que não estamos sempre preparadas.

Permitam-nos sentir, experimentar o novo que nos espera, o sentimento de chegar em algum lugar e ficar, ser aceita e acolhida. Ser negra é uma condição que nunca nos deixará, por isso é importante trabalhar essas inserções, escrever a respeito, como nos diz Conceição Evaristo, “escrever” e registrar nossas vivências. Registros em imagem, vídeo e som, dando lugar a um protagonismo que também nos pertence, para que assim possamos construir nossas próprias narrativas de mundo, assim como nossas memórias felizes. Desfrutar de um céu, de um paraíso, do amor e das trocas justas, dos tratamentos mais igualitários, do respeito e da liberdade de coexistir em um mundo mais nosso.

Objetivos Pedagógicos:

1. Compreensão Cultural:

- Objetivo: Desenvolver uma compreensão mais crítica das vivências e lutas enfrentadas por mulheres negras em relação ao cabelo e à identidade.

- Atividade: Autoconhecimento - Permitir a construção de uma empatia cultural e o reconhecimento das questões raciais e de identidade, por meio de textos produzidos por escritores e escritoras negros e negras.

2. Reflexão sobre Identidade e Ancestralidade:

- Objetivo: Promover a reflexão sobre a influência da ancestralidade na construção da identidade pessoal e coletiva.

- Atividade: Conhecendo os Nossos - Estimular a valorização da herança cultural e a consciência histórica. Os alunos serão instigados a pensar o que os forma, e como essa composição se constrói com base em seus familiares e antepassados.

3. Valorização da Diversidade:

- Objetivo: Incentivar o respeito e a valorização da diversidade cultural e da individualidade.

- Atividade: Somos Múltiplos - Contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso, e que a base seja a diversidade. Assim sendo, os estudantes precisam conhecer o quão diverso é o povo brasileiro, dividido por regiões e costumes de cada lugar.

4. Desenvolvimento da Expressão Artística:

- Objetivo: Explorar a expressão, por meio da dança, música e diálogo como meios de afirmação cultural e identidade.

- Atividade: O Movimento dos Nossos - Enriquecer o repertório artístico dos alunos e oferecer novos modos de expressão pessoal e coletiva. Explorar a identidade, a ancestralidade e a autoaceitação, por intermédio de uma experiência coletiva, enfatizando o papel do cabelo como um símbolo de resistência e identidade cultural.

Aspectos por Disciplinas:

1. História:

- Objetivo: Pensar a história da cultura negra e do papel dos cabelos na identidade cultural.

- Atividade: Escrever - Pesquisar e registrar a história do movimento negro, e a importância do cabelo como símbolo de resistência e identidade.

2. Literatura:

- Objetivo: Propor narrativas e histórias de mulheres negras, representações culturais e simbólicas.

- Atividade: Ler e Ver - Leitura de textos e poesias que abordem questões de identidade negra, e instigar comparações com a representação no curta.

3. Arte:

- Objetivo: Oportunizar a expressão artística através da dança e da música, como forma de afirmação e resistência.

- Atividade: A Dança dos Ancestrais - Pedir aos alunos que criem obras artísticas inspiradas pelo curta, como danças, músicas ou ilustrações.

4. Sociologia:

- Objetivo: Instigar a análise das questões sociais e culturais envolvidas na autoaceitação e construção da identidade.

- Atividade: Eu e a Sociedade - Com base no levantamento feito pelos alunos, propor discussões e debates sobre a influência da sociedade na autoimagem, e nas escolhas individuais relacionadas ao cabelo e à identidade.

5. Educação Física e Religião:

- Objetivo: Abrir caminhos para reflexões acerca da importância da dança como expressão cultural, religiosa e emocional.

- Atividade: Girar da Roda - Propor aulas de dança que explorem o fazer artístico, o próprio corpo, os estilos tradicionais e modernos, com ênfase na expressão individual e coletiva.

Discussão e Reflexão:

1. Identidade e Autoaceitação:

- **Perguntas para a Discussão:** Como o cabelo pode influenciar a percepção de identidade? Quais são os desafios enfrentados por mulheres negras na aceitação de seus cabelos naturais?

2. A Cultura do Cabelo:

- **Perguntas para a Discussão:** O que o cabelo representa na cultura negra? Como a mudança no estilo do cabelo pode refletir uma transformação pessoal e cultural?

3. Ancestralidade e Cultura:

- **Perguntas para a Discussão:** De que maneira a ancestralidade influencia a forma como as mulheres se veem e são vistas pela sociedade? Como a conexão com a ancestralidade pode ser um ponto de força e resistência?

Atividades Complementares:

1. Oficina de Cabelo e Identidade:

- Descrição: Oficina prática sobre cuidados e estilos de cabelo, com discussão sobre a história e a importância cultural dos diferentes tipos de cabelo.
- Objetivo: Oferecer um espaço seguro para a experimentação e discussão sobre o cabelo e a identidade.

2. Criação de Murais:

- Descrição: Criação de murais ou painéis artísticos que expressem a identidade cultural e a diversidade dos cabelos, inspirados no curta.
- Objetivo: Promover a expressão artística e a reflexão sobre a diversidade e a identidade cultural.

3. Sessões de Cinema e Debate:

- Descrição: Exibição do curta "Kbela", seguida de um debate guiado sobre os temas abordados, com participação de especialistas em estudos culturais e identidade racial.
- Objetivo: Facilitar a discussão e o aprofundamento dos temas abordados no curta, promovendo uma maior compreensão e empatia.

4. Diário de Reflexão Pessoal:

- Descrição: Incentivar os alunos a manter um diário de reflexões sobre suas próprias experiências de identidade e aceitação, incluindo aspectos relacionados ao cabelo.
- Objetivo: Estimular a autoexploração e a expressão pessoal, trabalhando com questões de identidade e autoaceitação.

3.3 Ficha Pedagógica - O dia de Jerusa

Sequência Analisada: 12:32 - 18:07.

Elenco principal: Léa Garcia - Jerusa; Débora Marçal - Silvia. Responsáveis Técnicos: Produção - Elcimar Dias Pereira; Direção e Roteiro - Viviane Ferreira; Direção de Fotografia - Thiago Quadrado e Túlio Ferreira; Direção de Arte - Laura Carvalho.

Análise da Sequência:

O vento que passa e movimentava estruturas físicas e emocionais, por vezes um retorno ou um sinal daqueles que foram, mas se fazem presentes de alguma maneira. Falamos e sentimos uma espiritualidade, um movimento ancestral que comunica a presença, e estabelece

uma sincronia. Uma ventania que bagunça a mesa, preparada por Jerusa na espera dos seus, e um encontro que não acontece.

A mesa é desfeita, com a ajuda de Sílvia, e junto com os objetos que compunham a mesa, vai-se também a esperança do reencontro neste plano. Uma confusão de datas, um perder-se no tempo, mas ao mesmo tempo alguns momentos de diálogo, de convivência e de presença. Lembranças guardadas na memória, e que precisam ser verbalizadas, juntamente com a esperança da concretude, com o desejo que os bons momentos sejam vividos novamente.

Um espaço físico carregado de lembranças, de ausências e de saudade. Um lugar, que apesar da solidão, não deixa de ser Casa que acolhe, e que se abre para novas histórias. Pois bem, o que se deseja comunicar não é somente dor, por mais que naquela mesa sempre falte alguém, ela estará sempre lá. Haverá alguém, mesmo que de passagem, como vento que bagunça a mesa ou com um pouco mais de tempo, como Sílvia.

Por falar em Sílvia, como sua presença foi esperada por Jerusa, um encontro ou talvez um reencontro, de uma vida partilhada em família, que não se sabe ao certo se verdadeiramente aconteceu no plano material. Talvez não passe de uma invenção por parte de Jerusa, de uma esperança de ser, da mesma forma que a gente inventa o que sabe do amor e do afeto. Por vezes esse é o lugar que nos resta, o plano da invenção e do sonho!

Sonho que não é somente sonhado, pois Sílvia nos mostra que é possível ao ser aprovada no vestibular em uma das faculdades mais renomadas e reconhecida de São Paulo. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, de provavelmente ter que conciliar estudos e trabalho, esforço esse que deve ser observado e reconhecido, conseguiu sua aprovação. A alegria renasce naquela casa, na vida de Jerusa que comemora mais um ano de vida e para Sílvia, que inicia uma jornada acadêmica.

Os estudos e a educação, enquanto um ampliar de horizontes e uma transformação de realidades, ou até mesmo um transitar por lugares diferentes. Um ensinar a transgredir, como nos diz Hooks (2017), que instiga a buscar a emancipação e a vivência em outros meios, e é assim que aprendemos a jogar o jogo social que nos é imposto, hora lá e hora cá. Driblar a dureza da vida cotidiana e viver com mais leveza se faz necessário, pois nem somente de dor somos construídas.

Novos formatos de existência, quer seja em uma lista de classificados para uma faculdade, ou em uma conversa em casa, que quase como um desabafo, revela sentimentos até então não verbalizados. Um silenciamento fruto de uma construção social, em que a

submissão calou muitas mulheres negras em situação de violência, e que ainda nos tirou algo que lutamos até hoje para ter: nossa identidade.

Negaram-nos os nomes, o direito de existir e a presença, mas nós estamos e sempre estivemos presentes. A busca é por nomear, inclusive os sentimentos, por verbalizar e pela liberdade de sermos quem somos e estar nos lugares que desejamos. Uma luta cotidiana, perseguindo nosso futuro ancestral, que esperamos ser com bem mais de nós, com as nossas narrativas, com os nossos rostos, a nossa história e a nossa voz.

Almejamos estarmos distantes de um lugar de perfeição, que nos permita “baixar a guarda”, e dizer que nem sempre força é nosso sinônimo. Buscar a calma de Jerusa, a paciência e o cuidado, e sim, almejamos mais estar nos lugares de sermos cuidadas e que o amor nos abrace com mais frequência, e que escolha ficar e não seja tão passageiro e dono das madrugadas. Que tenhamos mais abertura para falar de amor e das bonitezas de uma solidão que não só assombra, mas que também construiu boas memórias.

Anchieta (2020) propõe reflexões que colaboram com o que foi dito, no sentido de desvelar as histórias até então não contadas, ou expressas por óticas diferentes das do universo feminino. O olhar das mulheres, a construção de suas histórias e de suas identidades, a liberdade de dizer e ser em um espaço que por muito tempo foi dominado exclusivamente por homens. O olho no olho é imprescindível, e assim é estabelecida uma conexão entre Jerusa e Sílvia.

Um pedido de atenção aos detalhes que nos formam, aos traços que nos diferenciam e nos tornam únicas, em um espaço tão diverso e plural, e ainda assim cada uma possui suas singularidades. Essa atenção apurada só é possível com o olhar e com a calma, tranquilidade que Jerusa despertou em Sílvia e a trouxe para mais perto de seu mundo e de sua realidade. Que a gente se permita gozar dessa possibilidade, de se abrir para alguém que nos ouça com paciência e que acolha nossas dores, histórias e amores.

Por mais Sílvias, que surgem no imediatismo, com uma pesquisa rápida de sabão em pó e é convidada a ficar mais um pouco, a deixar de cumprir somente o que era o seu objetivo principal, e resolve ficar. Que os convites sejam mais feitos e aceitos, que os outros escolham ficar e ouvir o que temos a dizer, pois na maioria das vezes é isso que nos falta: a companhia e a escuta ativa. Jerusa se abre e confia, e conta sua história de vida, e vai tecendo um enredo que não permite que Sílvia faça somente uma breve entrevista.

Profundidade nas relações e nos afetos, dois desejos que nutrimos e que buscamos caminhos de colocá-los em prática, estamos aos poucos dando as mãos e festejando por isso.

Cantando as nossas músicas, com trilha sonora, danças e festejos próprios de nosso povo, sem precisar nos esconder tanto, baixando a guarda e nos permitindo as posições de sermos cuidadas. Estamos mais perto do amor!

Objetivos Pedagógicos

1. Desenvolver a empatia e compreensão:

- Objetivo: Por meio da narrativa, promover a capacidade de compreender e compartilhar as emoções e experiências dos outros, especialmente em relação à solidão e conquistas pessoais.

- Atividade: Propor a elaboração de uma pequena narrativa baseada em uma experiência real ou fictícia sobre os temas solidão e conquistas pessoais. Discutindo ainda, como a solidão pode ser enfrentada e o papel das expectativas e da paciência em nossas vidas.

2. Explorar a importância das relações familiares e sociais:

- Objetivo: Discutir o impacto das relações interpessoais na vida emocional e na celebração de momentos importantes.

- Atividade: Instigar que os estudantes pensem em um momento importante em suas vidas, como uma conquista ou um evento significativo. Em seguida, solicite que reflitam sobre como as pessoas ao seu redor (amigos, familiares, colegas) influenciaram esse momento.

3. Refletir sobre a resiliência e a adaptação às circunstâncias:

- Objetivo: Analisar como diferentes pessoas enfrentam a espera e a solidão, e como encontram formas de celebrar a conquista.

- Atividade: Propor que os alunos pensem em uma situação em que tiveram que enfrentar um período de espera ou solidão, e como encontraram formas de celebrar uma conquista pessoal.

4. Estimular a expressão criativa e a colaboração:

- Objetivo: Incentivar os alunos a se envolverem em atividades que exijam colaboração e expressão pessoal, para assim refletir sobre as experiências narradas.

- Atividade: Cada estudante deverá criar um personagem fictício e um cenário baseado em uma situação comum que ele possa se relacionar com os demais alunos. A busca será por trabalhar o enfrentamento dos desafios, o experimentar uma conquista, ou lidar com um momento de solidão, trabalhando com elementos que reflitam suas próprias experiências e sentimentos.

Aspectos por Disciplinas

1. Língua Portuguesa:

- **Objetivo:** Analisar a narrativa e o diálogo entre as personagens, identificando temas centrais e subtextos.

- **Atividade:** Criar uma redação sobre a importância das celebrações pessoais e a influência das relações sociais. Refletir ainda a respeito do quão é importante celebrar pequenas e grandes conquistas, e como essas celebrações podem unir pessoas e criar momentos significativos.

2. Educação Social:

- **Objetivo:** Discutir como as relações familiares e sociais influenciam a experiência individual e coletiva.

- **Atividade:** Refletir sobre a diversidade cultural e social representada pelas personagens, abordando questões de identidade e inclusão. Discutir ainda, acerca da importância das conexões humanas e como elas podem ser fontes de apoio e alegria em momentos difíceis.

3. Arte:

- **Objetivo:** Criar uma representação artística (desenho, pintura, teatro) que ilustre o tema da celebração e da ascensão pessoal.

- **Atividade:** Colaborar em um projeto artístico que reflita a interconexão entre os personagens e suas histórias.

Discussão e Reflexão

1. Experiência da Solidão e Espera:

- **Perguntas para a Discussão:** Como a espera pela chegada da família afeta a vida da senhora? Quais são os sentimentos que ela expressa? Como você reagiria se estivesse na mesma situação?

2. Celebração e Conquista:

- **Perguntas para a Discussão:** Qual é o significado de celebrar conquistas pessoais, como a aprovação no vestibular? Como a jovem reage ao receber a notícia e como isso afeta a senhora?

3. Relações Interpessoais:

- **Perguntas para a Discussão:** Como a relação entre a senhora e a jovem evolui durante a narrativa? O que cada uma aprende com a outra?

Atividades Complementares

1. Entrevista e Relatos:

- Descrição: Realizar entrevistas com familiares ou amigos a respeito de suas experiências de celebrações e esperas importantes.
- Objetivo: Escrever um relatório ou criar uma apresentação sobre as diversas perspectivas encontradas.

2. Diário de Reflexões:

- Descrição: Manter um diário pessoal durante uma semana, registrando momentos de espera, celebrações e como esses eventos afetam o bem-estar emocional.
- Objetivo: A construção de um diário em que as emoções e os sentimentos possam ser extravasados. A ideia é escrever!

3. Projeto Artístico em Grupo:

- Descrição: Formar grupos para criar uma peça de arte (como um mural, uma peça de teatro ou uma exposição fotográfica).
- Objetivo: Representar e experimentar a experiência de espera e celebração.

4. Discussão em Pannel:

- Atividade: Organizar um painel de discussão com participação de alunos e convidados.
- Objetivo: Compartilhar experiências pessoais e refletir sobre os temas abordados na narrativa.

Um capítulo que se finda, evidenciando a conexão entre três gerações de mulheres negras, começando com uma menina, passando por mulheres adultas e chegando a uma senhora mais velha. A busca foi por mostrar uma representatividade ativa, e também de afirmar que estamos e existimos em tempos e espaços diferentes.

O passado e o futuro ancestrais se encontram, demonstrando que existe sim uma força ancestral que nos une, que se transforma em histórias representadas nas telas e partilhadas entre todas nós. O cinema e a imagem, e a importância de estarmos representadas como protagonistas nestas criações, de evidenciar o nosso potencial, e ao mesmo tempo contar as nossas histórias, com questões que nos são caras e nos formam.

Articulações são necessárias para que cada vez mais pessoas negras, em especial mulheres negras, tenham acesso a esse tipo de conteúdo, que acabam por gerar bastante identificação, justamente pela ideia de construção em coletividade. Por isso se coloca como

indispensável essa interlocução com o espaço educacional, transformando criações no audiovisual em iniciativas educativas, ou o que podemos nomear um “cinema educativo”, que não deixa de ser formativo.

Neste sentido, as fichas pedagógicas, pensadas a partir das análises de sequências que compõem os três curtas, configuram-se parte desta transformação, buscando tornar mais acessível e inclusivo, almejando que esses assuntos sejam cada vez mais trabalhados por e com professoras e alunas negras no espaço escolar e para além dele também.

4 FORMAÇÃO DOCENTE: ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS NO AUDIOVISUAL

A formação docente é um espaço vital para a construção de uma educação que valorize a diversidade cultural e étnica, especialmente em contextos onde a história e as experiências de mulheres negras frequentemente são marginalizadas. Este capítulo busca explorar as escrevivências — um conceito que une escrita e vivência — de mulheres negras no audiovisual, destacando como suas narrativas podem enriquecer a formação de educadores e educadoras.

As produções audiovisuais realizadas por mulheres negras não apenas retratam suas experiências e vivências, mas também funcionam como formas de resistência e empoderamento. O audiovisual, como meio de expressão, possui uma capacidade única de transcender barreiras e dialogar com diferentes públicos. Filmes, documentários e séries produzidos por essas mulheres oferecem um olhar singular sobre a cultura, a identidade e as lutas enfrentadas por suas comunidades.

Essas obras frequentemente desafiam estereótipos e promovem representações mais autênticas, contribuindo para uma reconfiguração do imaginário social. Ao trazer suas histórias para o centro do debate, essas artistas não apenas reivindicam um espaço de visibilidade, mas também abrem caminhos para discussões sobre raça e gênero, fundamentais para a formação docente.

O conceito de escrevivência, criado pela escritora Conceição Evaristo, enfatiza a importância de narrar a própria história como um ato de afirmação. Mulheres negras no audiovisual, ao contarem suas histórias, estabelecem conexões profundas com suas identidades e ancestralidades. Esses relatos não são apenas pessoais; eles ecoam as vivências coletivas de uma comunidade que muitas vezes é silenciada.

A formação docente pode se beneficiar enormemente dessas narrativas: ao integrar as escrevivências de mulheres negras no currículo, educadores podem promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e crítico. Isso não apenas amplia a compreensão dos alunos sobre as complexidades da sociedade, mas também estimula a empatia e a valorização das diferenças. Apesar dos avanços, as mulheres negras no audiovisual ainda enfrentam desafios significativos, como a falta de financiamento, a invisibilidade nas grandes produções e a luta contra preconceitos enraizados.

Os obstáculos devem ser reconhecidos e discutidos nas formações docentes, para que as educadoras possam preparar suas alunas e seus alunos para serem críticos e proativos em relação às desigualdades existentes. A formação deve incluir não apenas o estudo das obras,

mas também a análise das estruturas de poder que moldam o setor audiovisual. Isso envolve discutir políticas de inclusão, representatividade e o papel da mídia na construção de narrativas.

A formação docente, ao incorporar as experiências de mulheres negras no audiovisual, torna-se uma ferramenta poderosa de transformação social. Essas narrativas não apenas enriquecem o conhecimento das educadoras, mas também inspiram uma nova geração de estudantes que irão buscar valorizar a diversidade e a lutar contra a injustiça. Assim, o audiovisual emerge não apenas como uma forma de arte, mas como um espaço vital para a educação e a formação de cidadãos críticos e engajados.

4.1 Caminhos para a formação de professoras negras

A formação de professoras negras é um tema essencial no contexto educacional brasileiro, especialmente à luz das legislações que visam promover a educação para as relações étnico-raciais. A Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares, e a Lei nº 11.645/2008, que amplia essa obrigatoriedade para a História e Cultura dos Povos Indígenas, destacam a necessidade de um ensino que valorize a diversidade étnico-racial.

No que diz respeito ainda à legislação, em recente aprovação, a Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, torna obrigatória a inclusão “de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País”.

Nesse cenário, é fundamental que as instituições de formação docente adotem políticas e práticas que incentivem a inclusão de professoras e estudantes negras, reconhecendo suas experiências e saberes como fundamentais para uma educação de qualidade e equitativa. A formação inicial e continuada deve contemplar não apenas o conteúdo curricular, mas também as questões de identidade, cultura e a luta histórica das populações afro-brasileiras.

Um dos caminhos para essa formação é a promoção de espaços de diálogo e reflexão sobre a história e as experiências das mulheres negras no Brasil. Isso pode ser realizado por meio de oficinas, cursos e debates que abordam tanto os desafios enfrentados por essas professoras, quanto as contribuições que podem oferecer à educação. A valorização de figuras históricas e contemporâneas negras no campo da educação deve ser um componente central desses espaços, permitindo que as futuras professoras se sintam representadas e inspiradas, o que impacta diretamente na vivência das estudantes negras também.

A formação continuada deve ser orientada para o combate ao racismo estrutural e à promoção da igualdade racial. Programas de formação que abordem a interseccionalidade de gênero e raça são essenciais para preparar professoras que atuem com sensibilidade e compromisso na luta contra a discriminação e a favor da inclusão.

Por fim, a articulação entre as escolas, comunidades e movimentos sociais é indispensável. Projetos que incentivem a participação de professoras negras em espaços de liderança e decisão nas instituições educacionais fortalecem não apenas suas vozes, mas também contribuem para uma educação que respeita e valoriza a diversidade cultural.

Em síntese, a formação de professoras negras é um passo vital para a construção de uma educação que reconheça e valorize as relações étnico-raciais. Ao implementar políticas inclusivas e promover uma formação crítica e reflexiva, estamos não apenas cumprindo a legislação, mas também contribuindo para um futuro mais justo e igualitário para todas as pessoas.

4.2 EduCom Ciência - Mulheres Negras em Ação

Relatarei, com base em informações públicas (disponíveis no site da Universidade Federal de Lavras, cujo os links estão nas referências deste trabalho), um projeto em curso, o “EduCom Ciência”, que tem como objetivo unir o audiovisual e o meio educativo, reinventando a produção científica e do conhecimento.

Importante ressaltar, que minha pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética, por não se caracterizar um trabalho de campo. Contudo, atuei e colaborei no referido projeto, que também se configura como uma ideia de transformação da prática docente, propondo uma formação multifacetada, que não somente beneficiará professoras negras, mas também alunas negras.

O projeto está em sua terceira edição, e desta vez aconteceu na cidade de Carrancas - Minas Gerais, com estudantes do ensino médio da Escola Estadual Sara Kubitschek, às quais foram apresentadas a proposta da dissertação e também do projeto. O EduCom é desenvolvido pela Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Lavras (DCOM/UFLA), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Nesta edição, nove alunas negras compuseram o projeto, e participaram de diversas iniciativas, como técnicas de roteiro, edição e gravação, além de terem a liberdade criativa para escolherem os temas que tinham mais interesse e até mesmo afinidade para trabalhar. O

respaldo científico, independente da temática escolhida pelas estudantes, é um dos objetivos do projeto, buscando alicerçar as construções em pesquisas científicas.

Importante ressaltar que as meninas tiveram uma base/introdução antes do início do projeto, com a apresentação dos três curtas aqui já mencionados, e rodas de conversa e de discussão com as estudantes acerca dos temas apresentados nos filmes e também de como funcionaria o projeto. Algumas adaptações foram necessárias, devido ao deslocamento necessário até a cidade de Lavras, onde aconteceram a maioria dos encontros, e também por conta da distância.

Desde o começo, quando do contato com a equipe de comunicação da UFLA demonstrando interesse em participar do projeto, que foram pedidos alguns ajustes na proposta enviada, com anuência da direção da escola, esforços não foram medidos para que essa edição acontecesse com as estudantes de Carrancas. No dia 09 de março de 2024, as atividades se iniciaram na escola, e em matéria escrita pela jornalista da UFLA e também professora Greicielle Santos, ela relata que:

O projeto EduCom Ciência, realizado pela Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Lavras (Dcom/UFLA), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), rompe os limites municipais e realiza sua terceira edição em Carrancas (MG), com estudantes da Escola Estadual Sara Kubitschek (SANTOS, 2024).

Os encontros que aconteceram subsequentes a esse foram realizados na UFLA, e aos sábados, considerando o deslocamento das estudantes e o melhor aproveitamento do tempo. A dinâmica, a condução das atividades e as oficinas foram sempre intermediadas por integrantes da equipe de comunicação da UFLA, que partilharam seus conhecimentos e suas técnicas. Com todo esse arcabouço teórico e prático as alunas puderam, além de conhecer e explorar os espaços da Universidade, procurar pesquisas desenvolvidas por pesquisadores da UFLA e de outras instituições de ensino.

Com a necessidade de delimitação de temas, a partir das afinidades das estudantes foram criados grupos de trabalho, e as pesquisas seguiram as seguintes temáticas: Taekwondo, observando a importância da concentração para a prática; os animais de estimação, analisando como o contato pode ajudar a aliviar a ansiedade; e a formação da carreira de mulheres negras. As pesquisadoras e os pesquisadores que colaboraram com suas pesquisas e no processo de apuração foram:

a mestranda em Nutrição pela Faculdade de Ciências da Saúde (FCS/UFLA), Mariela de Abreu; o professor da Escola de Engenharia, Fabio Domingues de Jesus; a professora da Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas (Faelch/UFLA), Vera Simone Schaefer Kalsing; e a mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e coordenadora geral do Colégio de Aplicação da UFLA (Cap/Nedi), professora Letícia Silva Ferreira (Santos, 2024).

O trabalho colaborativo é importante para “Comunicação Pública da Ciência”, como diz a também jornalista da UFLA, Ana Eliza Ferreira Alvim da Silva (2024, *apud*, Santos, 2024) que é ainda coordenadora do projeto. O conhecimento produzido na academia não pode ser mantido somente neste espaço, então a ideia é que sejam estabelecidas parcerias entre a universidade e as escolas, aproximando esses dois mundos e encurtando a distância.

O que é realizado de pesquisa científica precisa ser comunicado de maneira dinâmica, e com a acessibilidade necessária para atingir os mais variados públicos. Por isso se torna importante tornar ainda essa linguagem acessível, e os recursos audiovisuais podem colaborar neste rearranjo que se apresenta no processo de ensino-aprendizagem. Uma oportunidade também de repensar os papéis de professores e alunos na formação profissional e pessoal de todos os envolvidos, de como cada um pode contribuir nos espaços em que estão inseridos.

No projeto, por exemplo, além de facilitadoras no contexto de desenvolvimento das atividades, contamos com professoras negras em ação (Eu, Greicielle e Alessandra, que integrou o projeto na fase inicial), com o papel principal de sermos mediadoras do processo. Professoras negras, também em processo formativo, a partir da prática, em contato direto com estudantes negras e comunicadoras, permitindo que essas alunas sejam respeitadas em suas particularidades, e possam definir pautas e o andamento das atividades.

Mulheres negras em posições de autodeterminação, como nos diz Anchieta (2020), ou como nos lembra Hooks (2023), nos lugares que sonhamos. Fato é, que o projeto mencionado permitiu às essas estudantes, e também aos facilitadores e às facilitadoras, pensar sua existência nos espaços, e é processo que precisa também ser observado. Por isso a importância de instigar as discussões partindo de uma perspectiva de educação social, que busca articular demandas sociais, educacionais, políticas e que envolvem os direitos humanos.

Os redesenhos socioeducacionais, almejam colaborar para a formação de estudantes críticos, respeitosos e comprometidos com a formação pessoal e social. Uma consciência de si, do entorno e da vida em sociedade. O cinema, em especial os filmes, auxiliam neste processo de análise dos espaços, de composição, da dinamicidade, das histórias e dos demais elementos que o compõem. Assim, constrói-se um trabalho conjunto, em que a escola se abre para receber

e acolher formatos e abordagens diferentes de se pensar e colocar em prática o processo de ensino-aprendizagem.

Movimento esse realizado pela Escola Estadual Sara Kubitschek, que se abriu e permitiu que as estudantes pudessem experimentar novas maneiras de discutir questões diversas, por meio do audiovisual. Para além disso, foi possível um ampliar de horizontes, e uma conexão que tanto almejamos entre a escola e a universidade, dois territórios que devem trabalhar juntos. As integrantes do projeto puderam ter experiências em várias funções, e a vivências em lugares que antes estavam distantes, separadas por uma distância física e temporal.

Partindo de uma realidade que é delas, que nos recebe com esperança de um plantio farto, como sementinha que a gente semeia em solo fértil, porque como nos diz Anchieta (2020) “Desde que há uma mulher em sociedade, há a vontade de autodeterminação”, assim como o desejo de florir em campos mais plurais, com equidade de gênero e de raça.

Fotografia 1 - Primeiro Encontro na Escola Estadual Sara Kubitschek



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Um filme que se constrói aos poucos, com paciência e atenção para as descobertas, e principalmente para as novas narrativas de mundo que se desenham. Com alma e com amor, respeitando as particularidades de cada uma, as dificuldades e os tempos de aprendizagem.

Fotografia 2 - Abrindo os Caminhos



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Um caminho de ensinar e aprender que nos exige respeito, tanto de quem ensina como de quem aprende. Um processo pensado e organizado em conjunto, no qual as facilitadoras auxiliam na direção, e as nossas atrizes e jovens comunicadoras repassam o texto.

Fotografia 3 - Treinamento de Roteiro



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Entrar em ação, um movimento tanto quanto esperado por nós mulheres negras, seja no por trás ou no em frente às câmeras.

Fotografia 4 - Gravações



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Ter espaço para poder ouvir e contar as nossas histórias, por meio de uma escuta ativa, e ainda mais significativo é perceber que essas narrativas estão em uma pesquisa científica. O roteiro dos sonhos está cada vez mais perto de ser escrito, e nesta formação vamos escrevendo.

Fotografia 5 - Conversa com a Pesquisadora



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Escrever, e ir definindo os roteiros, criando a nossa linguagem cinematográfica, trazendo as nossas questões, concedendo voz e visibilidade a assuntos e temas que nos são caros. Um universo feminino e negro, que luta muito para existir e resistir nos lugares.

Fotografia 6 - Ajustando o Roteiro



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projetoeducom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Uma coexistência, que somente se faz em coletividade e em ancestralidade. Que se une, se ajuda e segura firme as rédeas dessa narrativa em construção. Um trabalho conjunto, de

mulheres negras cuidando umas das outras, sendo o encorajamento que muitas vezes nos falta, o cuidado, o afeto, o carinho e amor.

Fotografia 7 - Gravação das Entregas



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Pela nossa perspectiva é que o mundo passa a ser visto, e as novas narrativas vão tomando forma. O por trás das câmeras que também nos pertence, com os nossos ajustes e o nosso olhar para aquelas questões que são intimamente nossas.

Foto 8 - Ajustes no Equipamentos



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Criamos, e no final a gente sempre retorna às nossas raízes, afinal de contas o passado e o futuro são ancestrais. A partilha precisa ser feita, por isso a gente volta para repartir e partir novamente. Aos meus, aos seus e aos nossos.

Fotografia 9 - Cerimônia de Encerramento



Fonte: <https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>.

Mulheres negras e suas histórias reais, de um cinema vivido, como nos diz Hooks (2023), que por si só é capaz de trazer questões que perpassam pelo gênero e pela raça. Com uma abordagem interseccional, um cinema com roteiro construído de/por mulheres negras para mulheres negras. Com professoras e estudantes negras, colocando em pauta uma educação para a diversidade, que seja inclusiva, respeitosa e dinâmica.

Uma proposta de educação que transforma, que é transgressora e que busca criar um ensino mais humanizado, antirracista, que combata os preconceitos e atento às singularidades de cada ser humano. Será ainda um processo de descoberta, construção e desconstrução tanto

para as alunas, quanto para as professoras negras e constante formação, pois acabamos percebendo pela experiência do EduCom que essa é uma trajetória possível, mas somente em conjunto. As entregas das estudantes resultaram nos trabalhos disponíveis abaixo, que estão no instagram Ciência/Ufla:

A construção da carreira de mulheres negras:

https://www.instagram.com/reel/C_RL1h_CWBh/?igsh=Y3I5Nzlwc3p0aHYz

Benefícios do Taekwondo:

<https://www.instagram.com/reel/C-7oY0ltIlt/?igsh=Nng0aHFkbGFsZjR6>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido teve o intuito de formar raízes, demarcar territórios e buscar colaborar no processo formativo de professoras, professores e estudantes. Um formar redesenhado a partir de perspectivas diferentes, trazendo uma visão afrocentrada de mundo, em que as relações socioeducacionais se conjecturam em tempos e espaços diferentes. As concepções de um feminino negro, que comunica suas “escrevivências”, por meio da linguagem cinematográfica, e se configura um ponte para que as discussões dentro e fora do espaço educacional se ampliem.

Pretendeu-se ainda, colaborar para que mulheres negras, em especial professoras e alunas negras, compreendam os processos formativos e de construção de identidade. Um formar identitário, que buscou instigar que essas mulheres se reconheçam e se vejam representadas nos mais variados espaços. Para além disso, colocou-se também a importância de uma representatividade ativa, engajada com causas que são nossas e suscitando essas questões.

O cinema é esse caminho, um instrumento didático-pedagógico, que consegue unir recursos como a imagem, o movimento e a dinamicidade. Se torna vida e é vida, pois é no meio cinematográfico, no por trás e no em frente às câmeras que as histórias ganham cada vez mais espaço. Todavia, esse movimento de visibilidade das criações, em especial de mulheres negras, se revela ainda em construção, com todos os desafios que as questões que envolvem gênero e raça trazem consigo.

Ao observarmos pela perspectiva interseccional, foi possível dimensionar e mapear parte das violências vivenciadas por pessoas negras, particularmente por mulheres negras. Os filmes, juntamente com a escrita e a teoria, embasada por autores e autoras, sustentou a construção deste trabalho, por dar vida, vez, voz e visibilidade às mulheres negras, às suas criações e às suas concepções. Mulheres negras e seus pensamentos intelectuais, com saberes e conhecimentos organizados, fundamentados e articulados, que se mostram possíveis de serem socializados no contexto educacional e em outros espaços.

Por fim, o que move a engrenagem são os bons ventos que anunciam mudanças, sustentados por uma força ancestral. A coletividade que se une, mulheres negras em movimento, as que foram, as que estão e as que virão, e se fortalecem no processo. Ancestralidade é o que nos une e nos conecta, e é também o fio que nos conduz a avançar e estar presente em mais espaços, inclusive no contexto educacional, seja redesenhando histórias, na literatura ou por meio de um cinema educativo e formativo.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, I. **Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 1: Bruxas e Tupinambás Canibais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

_____. **Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 2: Maria e Maria Madalena**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

_____. **Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 3: Stars de Hollywood**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2013.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p. 39-72.

_____. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 1, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 14.986, de 25 de Setembro de 2024**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114986.htm. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. REVISÃO DA LITERATURA E REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA, [S. l.]**, v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.30681/relva.v3i2.1738. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 28 fev. 2024.

CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L.A. Infográfico - Cinema Brasileiro: **Raça e gênero nos filmes de grande público**. 2022. Disponível em: https://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2023/01/infografico-cinema_2022-2-1.pdf. Acesso em: 22 mai. 2023.

_____. FLOR, J.; DE FREITAS, Jefferson Belarmino. Raça e Gênero. No Cinema Brasileiro (1995-2018). 2020. Desigualdades entre diretores (as), roteiristas e personagens de filmes nacionais de grande público. Boletim, n° 7 - Edição Especial, 10 anos. **GEMAA**. Disponível em: <https://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2020/04/BOLETIM-ESPECIAL-10-ANOS_FINAL_REVISADO-1-1.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2023.

CORES e Botas (**Colors & Boots**) - by Juliana Vicente. Escrito e dirigido por Juliana Vicente. 1 Vídeo. 2010. 15 min. 55 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEyU0o>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

_____. FERES JÚNIOR, J. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54549, 2019.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Orgs.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

FERREIRA, V. **Mulheres do Cinema Brasileiro**. [Entrevista cedida a Mulheres no Cinema Brasileiro]. Entrevista realizada durante a 23ª Mostra de Cinema de Tiradentes, em janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.mulheresdocinemabrasileiro.com.br/site/entrevistas_depoimentos/visualiza/242/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

GAL, M. **Quem são as cineastas negras do Brasil**. Publicada em 17 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/Vogue-Gente/noticia/2020/09/cineastas-negras-do-brasil.html>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC, 2005. p. 39-62.

HOOKS, B. **Cinema vivo: raça, classe e sexo nas telas**. Tradução de Natália Engler. São Paulo: Elefante, 2023. 312 p.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª edição. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2017. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.

KBELA - **O Filme**. Direção e roteiro de Yasmin Thayná. 1 vídeo. 2015. 21 min. 45 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>>. Acesso em: 02 out. 2023.

KYRILLOS, G. M. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, p. e56509, 2020.

MASCARI, F. **Discussão sobre ‘Spike Lee brasileiro’ revela invisibilidade negra no cinema nacional**. Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2020/03/discussao-sobre-spike-lee-brasileiro-revela-invisibilidade-negra-no-cinema-nacional/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

NOCHLIN, L. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu & a Educação**. Autêntica, 2013.

O Dia de Jerusa (**Jerusa's Day english subtitles**) - curta completo. Direção e roteiro de Viviane Ferreira. 1 vídeo. 2014. 20 min. 47 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0RY3pkRcPiQ>>. Acesso em: 02 out. 2023.

RODRIGUES, H.; ANCHIETA, I. A tensa manutenção da relação entre os sexos: um diálogo com Pierre Bourdieu e Erving Goffman. **Revista Pensata**, v. 5, n. 1, p. 149-162, 2016.

ROSA, F. J. P. da. Cinema negro feminino, estética e política na formação de professoras: uma experiência com o filme Kbelá. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

SILVA, E. M.; FERREIRA, E. B. Habitus de gênero: tensionamentos ao conceito de habitus em Bourdieu. **Pro-Posições**, v. 34, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/tcJfYBc5VcPFtzDjw544NcN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 out. 2023.

RIBEIRO, J. da S. ANTROPOLOGIA VISUAL E CINEMA EM CONTEXTOS DE MIGRAÇÃO. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, [S. l.], p. 105–124, 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/4358>. Acesso em: 31 jul. 2023.

_____. Jean Rouch - **Filme etnográfico e Antropologia Visual**. Doc. On-line, n.03, dezembro, 2007, www.doc.ubi.pt, pp. 6-54.

SANTOS, G. **Cerimônia de encerramento da terceira edição do projeto EduCom Ciência é realizada em Carrancas (MG)**. Publicado em 01 de julho de 2024. Disponível em: <<https://ufla.br/noticias/extensao/16834-cerimonia-de-encerramento-da-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>>. Acesso em: 18 set. 2024.

_____. G. **Terceira edição do projeto EduCom Ciência é realizada em Carrancas (MG)**. Publicado em 14 de março de 2024. Disponível em: <<https://ufla.br/noticias/extensao/16641-terceira-edicao-do-projeto-educom-ciencia-e-realizada-em-carrancas-mg>>. Acesso em: 18 set. 2024.

SANTOS, M. A. R. dos; GORDO, M. do E. S. C.; SANTOS, C. A. F. dos. Análise fí-lmica e educação: metodologia e necessidades formativas docentes. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 17, n. 47, p. 50–78, 2019. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/3454>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SOUZA, E. P. de. **Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade** / Edileuza Penha de Souza. 2013. 204 f. Disponível em:

<http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/17262/1/2013_EdileuzaPenhadeSouza.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

_____. Mulheres negras na construção de um cinema negro no feminino. Aniki: **Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**, v. 7, n. 1, p. 171-188, 2020.

_____. **Negritude, cinema e educação:** caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.